

NOVAS FORMAS DE FAZER ARTE, CULTURA E COMUNICAÇÃO NAS FAVELAS

**CATÁLOGO DA CHAMADA PÚBLICA
REDES DA MARÉ, 2021**



SUMÁRIO

Apresentação | 01

Banca de seleção | 05

Mentoria | 07

Dados das inscrições | 09

**Observações sobre
as inscrições | 11**

Projetos selecionados | 13

**Arcasi: A Casa como Lugar
da Arte | 15**

**Jean Carlos Azuos: Gatilhos
Narrativas visuais na pandemia | 19**

**Milena Gomes Vital:
Meus olhos janela de casa | 23**

**Breno Henrique de Souza:
Maré em si | 27**

**Jefferson Vasconcelos:
Brizolão | 31**

Juliana Targino: Placa Mãe | 35

**Karina Donaria / AmaréVê:
Batendo a Laje, no especial
Corona na Favela | 39**

**Lucas Buda: Projeto Capoeira
contra o Corona | 43**

Matheus Motta de Moura:
A Maré e o corona | 47

Paulo Jorge R. Barros:
Festa na favela | 51

Raphael Santos da Cruz:
Corona Favelado | 55

Simone Luar / Garotas da Maré:
Mentes da Maré | 13

David Almeida: Yoga Dance | 59

Irenilda da Silva / Mulheres ao Vento:
Lugar de Mulher | 63

Ricardo Xavier / Coletivo Papo de Laje:
Maré em Movimento | 67

Anderson de Oliveira:
Quilombo Moderno | 71

Matheus Benny e Vitória Dias:
Vamulê? | 75

Pablo Marcelino: Mostra de Poesia Infanto-Juvenil da Maré | 79

Rejane Barcelos / Slam Maré Cheia:
Batalha de Poesias do Complexo da Maré | 83

Mc Martina: Código dos Poetas | 87

Kamyla Galdeano Pereira:
Particularidade | 91

DJ Renan Valle: A Música Lutando contra Coronavírus | 95

Rodrigo Maré: A Maré convida | 99

Jonatan Peixoto: Coronavírus na Maré e cadê o poder público? | 103

Rayanne Felix: Sociedade das Poetisas Vivas diz NÃO ao coronavírus | 105

Saulo Pereira: RenegadUs | 111

Geandra Nobre: 14 de março | 115

Marcelo Vitor / MaréMoTO: As margens do isolamento | 119

Vanussa Rodrigues:
Quintal da C11 | 123

Vinicius Ribeiro: Entregadores | 127

Wallace Lino: Entidade | 131

Comentários finais dos participantes | 135

Fechamentos | 141

APRESENTAÇÃO

A arte, cultura e comunicação como possibilidades de encontros

EDSON DINIZ

Com a crise gerada pela pandemia da COVID-19, os problemas que afetaram a área da saúde logo se estenderam para a economia, trabalho e renda, se expandindo para todos os campos da vida. Certamente, uns dos setores mais afetados são o da arte e cultura e o da comunicação. Isso porque, como forma de conter o avanço da doença e evitar as aglomerações, muitos museus, centros culturais, cinemas, teatros, casas de espetáculo, galerias, ateliês, jornais e revistas foram fechados.

Tanto o público como artistas se viram desamparados da noite para o dia, principalmente porque o Estado brasileiro não desenvolveu políticas de proteção para as pessoas e coletivos que produzem arte, cultura e comunicação.

A situação foi ainda mais grave para artistas e comunicadores populares das periferias e favelas. Sem acesso

aos patrocinadores ou ao seu público, os “artistas periféricos” se viram numa situação limite, não podendo manter sua produção e tendo seu sustento ameaçado por completa falta de renda.

Diante dessa situação, a Redes da Maré criou o projeto “Chamada Pública: novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas”, como uma ação dentro da campanha “Maré diz NÃO ao Coronavírus”. A intenção principal foi reconhecer e fortalecer ações na Maré nesse campo, ajudando artistas e comunicadores locais a manter suas ações.

Através de um edital público, artistas e comunicadores da Maré puderam apresentar projetos para receber apoio financeiro e uma “mentoria”, ou seja, um acompanhamento com especialistas em suas áreas de atuação. Durante o processo de seleção foram recebidos 91 projetos, sendo 86 validados, e

selecionados 31 para receber apoio.

A escolha dos premiados foi feita por uma banca de especialistas que se desdobrou para selecionar as melhores propostas. De fato, essa escolha não foi fácil, dada a qualidade dos trabalhos apresentados e de sua enorme diversidade, já que eles contemplavam áreas como: artes plásticas, música, audiovisual, podcast, literatura, teatro, foto, texto, dança e desenho.

Todo o processo mostrou de maneira contundente que na Maré há uma riquíssima e intensa produção artística e de comunicação. Foram identificados coletivos, pessoas e instituições que produzem uma gama variada e belíssima de trabalhos que precisam ser conhecidos na cidade e no país. Isso porque são trabalhos únicos que trazem novidades para a cena artístico-cultural e de comunicação que podem influenciar novas produções para renovar a arte, a cultura e a comunicação, mesmo no momento de crise pelo qual passamos.

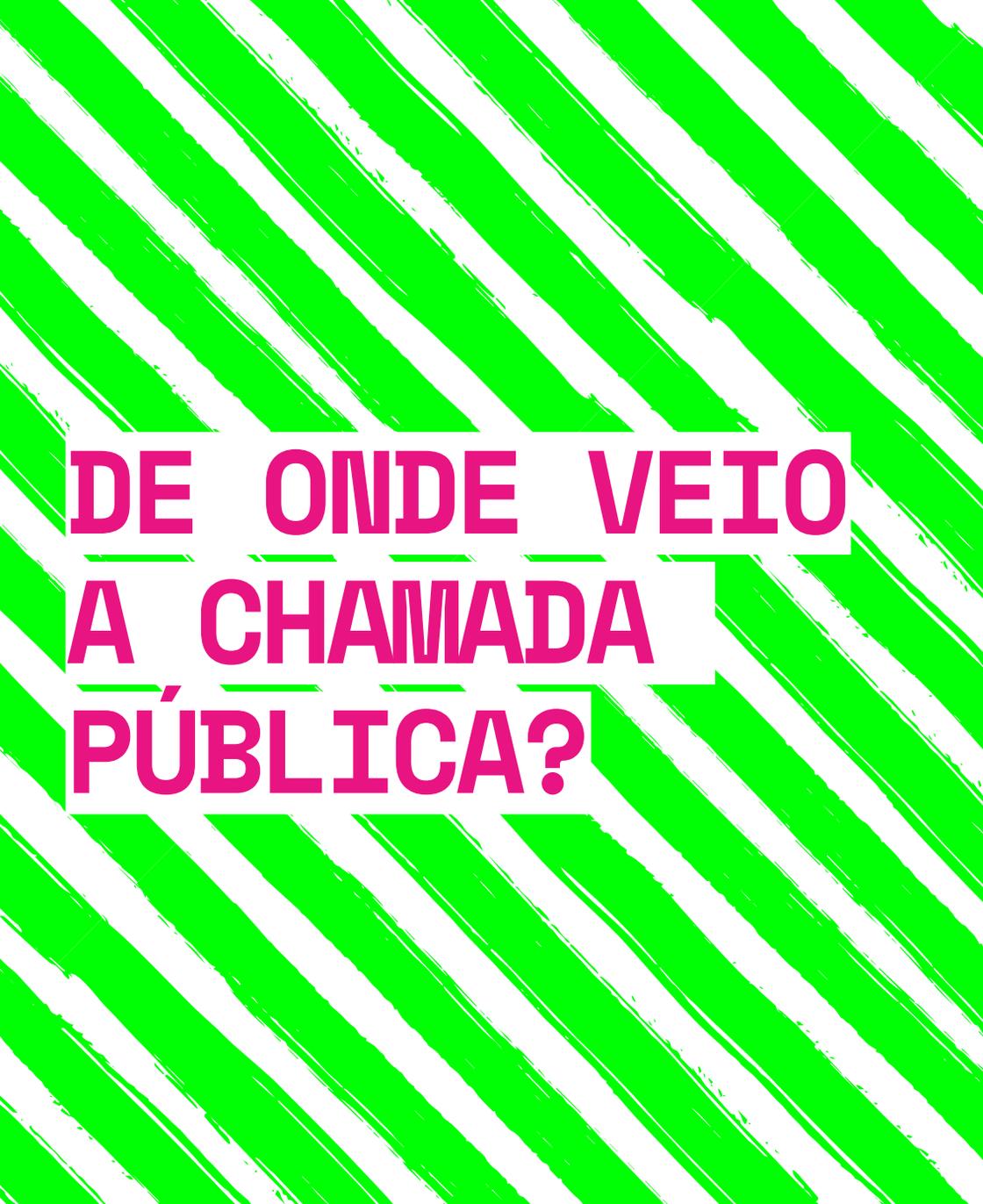
A importância de apoiar artistas e comunicadores ficou evidente após pesquisa realizada antes e depois do apoio aos projetos selecionados. Ao perguntar sobre

os efeitos da pandemia, por exemplo, o principal resultado foi que apesar das premiações não serem suficientes para reverter os efeitos mais graves da crise, elas permitiram a continuidade dos projetos selecionados. É o que se deduz quando 50% dos entrevistados disseram que o edital viabilizou o desenvolvimento de atividades, 10% que diminuiu os riscos de longo prazo e 10% que auxiliou em novos modelos de negócios.

Por outro lado, os resultados dessa pesquisa mostram que sozinhas, as ações de instituições da sociedade civil não são suficientes para garantir a produção artística, cultural e de comunicação, principalmente em tempos de crise. Elas são fundamentais, mas não substituem a urgência de políticas públicas orientadas no sentido de incentivar a arte, cultura e comunicação na Maré e nas favelas. O ideal é que as ações da sociedade civil sejam somadas às do poder público para fortalecer o território, no caso a Maré, como um polo irradiador de arte, cultura e comunicação para a cidade e o país. Assim, a importância da Chamada

Pública: novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas' está no incentivo e ampliação das possibilidades para que os olhares, os textos, os sons, as texturas e as cores da Maré se expressem em toda a sua plenitude e força. Esse movimento permite também a integração/ interação dessa produção artística e de comunicação da Maré na cidade. Isso é feito sempre a partir de uma visão única e multidimensional sobre a vida na favela e suas muitas relações com o restante da cidade.

Por fim, o que o leitor tem em suas mãos é um trabalho que apresenta uma produção artístico-cultural e de comunicação riquíssima, singular e potente. Os artistas e comunicadores, junto com seus trabalhos, constituem um grupo que pensa e vive o sonho de uma cidade mais plural, bela e democrática. Nessa cidade, a arte, a cultura e a comunicação são reconhecidas como possibilidades para encontros entre pessoas de cores, gêneros, idades, raças, religiões e pensamentos diferentes. Pessoas que podem e devem conviver e colaborar para construir um mundo melhor. Aproveitem!



**DE ONDE VEIO
A CHAMADA
PÚBLICA?**

Como surgiu a ideia da Chamada Pública

GEISA LINO

Era pandemia.

Se hoje ainda temos muitas dúvidas, naquele momento a gente não sabia nada: o que era exatamente, como prevenir, como se cuidar e quanto tempo duraria. Na Redes começava o movimento Maré diz Não ao Coronavírus, no sentido de garantir direitos básicos, como comida, saúde e assistência para moradoras e moradores da Maré nesse contexto complexo.

Mas tinha um lugar dentro de mim que não aquietava: e o pessoal da cultura? Em casa, angustiada, pensava: sem rua, sem produção, sem show, sem público, sem encontros, sem troca, sem renda...

O que vai ser do pessoal da cultura nesse momento em que o isolamento é a única maneira de controlar esse vírus? Que perrengue...

Como a Redes poderia fomentar arte, cultura e comunicação, que passam

necessariamente pelo encontro, quando não é possível a troca? E promover o que? Se a gente nem sabia o que poderia contemplar as pessoas que estavam numa situação delicada.

Foi então que olhando para outros mecanismos da própria Redes, distribuir cestas básicas, articular o sistema de saúde no território, descentralizar, apoiar as pessoas em seus corres, chegamos na ideia de fazer um edital intitulado Novas Formas de Fazer Arte, Cultura e Comunicação nas Favelas.

Foi a metodologia que encontramos não só para chegar junto de quem faz, mas estimular as pessoas a criarem outros jeitos de fazer. Às vezes a gente acha que só tem uma maneira de fazer show, comunicação e arte, mas quando a gente tem apoio, percebe que existem milhares de jeitos diferentes de seguirmos juntos.

O que você confere aqui nessa publicação é um breve registro de alguns dos mais talentosos artistas da Maré. Uma pequena mostra de como fazer diferente pode fazer a diferença.

Boa leitura!

CHAMADA PÚBLICA:

NOVAS FORMAS DE FAZER ARTE, CULTURA E COMUNICAÇÃO NAS FAVELAS

A ação teve como objetivo estimular artistas, produtores e comunicadores populares das favelas da Maré, para que repensem suas atividades, nesse novo contexto de distanciamento social, e possam garantir sustentabilidade mínima para seus projetos artísticos, culturais e comunicacionais.

ORGANIZAÇÃO

No total, foram 91 inscrições pelo formulário, sendo 86 inscrições válidas e, a partir delas, foram selecionadas 31 propostas com diferentes temáticas, como: artes plásticas, música, audiovisual, podcast, literatura, teatro, foto e texto, dança etc, para receber uma bolsa de incentivo, com as seguintes categorias de premiação:

2 projetos de até R\$10.000,00

14 projetos de até R\$5.000,00

15 projetos de até R\$3.000,00

BANCA DE SELEÇÃO



Ana de Fátima

Gerente do Núcleo de Comunicação e Relacionamento do Itaú Cultural, formada em jornalismo e com experiência em produção musical.



Clara Sacco

Co-fundadora e coordenadora do data_lab. Comunicadora e produtora cultural, atua em projetos que articulam juventude, tecnologia, comunicação, cultura e mobilização popular.



Geisa Lino

Mareense, trabalha como gestora e ativadora cultural. Atua como gerente de produção na Redes da Maré, promovendo eventos culturais, editais e oficinas de educação, cultura e arte por todo o território da Maré.



Juliana Marques

Estatística e especializada em métodos qualitativos de pesquisa. Permeia o uso da Estatística em três pilares: produção de conteúdo, formação e geração cidadã de dados.



Maira Gabriel

Cientista política e coordenadora na Redes da Maré no campo da pesquisa sobre violência, saúde mental, redução de danos, cultura e território. Também atua nas articulações institucionais e territoriais da organização.



Pâmela Carvalho

Educadora, Historiadora, Gestora cultural, comunicadora, pesquisadora ativista das relações raciais e de gênero e dos direitos de populações de favelas.



Paul Heritage

Professor de Drama e Performance, criou projetos artísticos em prisões no Brasil e no Reino Unido. Atualmente, lidera um projeto que investiga os impactos do conflito armado na saúde mental e no bem-estar de pessoas que moram na periferia do Rio de Janeiro.

MENTORIA



Andreza Jorge

Mareense, artista e ativista com foco nos temas que interseccionam gênero e raça.



Fabricio Mota

Soteropolitano, educador, pesquisador e músico com foco em pesquisas sobre musicalidades, diáspora, identidades e anti-racismo.



Douglas Lopes

Mareense, fotógrafo e diretor de fotografia, e videomaker.



Jéssica Pires

Jornalista e comunicadora da Maré. Integra a Comunicação Institucional da Redes da Maré como jornalista, produzindo pautas de audiovisual, redes sociais e podcast. E também o coletivo de comunicação e audiovisual da Maré, Amarêvê.



Drika de Oliveira

Fotógrafa documentarista, graduada em Cinema pela PUC-Rio. Diretora e editora na Redes da Maré. Preservadora audiovisual na Cinemateca do MAM-RJ e membra da ABPA. Colaboradora da Revista Dasartes.



Pandro Nobã

Artista urbano autodidata, arte educador traz em suas obras a cultura afrobrasileira, o afrofuturismo e as religiões de Matriz Africana.



Eloi Leones

Cria do Complexo do Alemão, produtor multimídia no data_labe e artista transmídia.



Phellipe Azevedo

Ator, diretor, dramaturgo, produtor e professor de teatro atuando principalmente nos seguintes temas: favela, processo colaborativo, criação teatral e periferia.



Thomas Harres

Músico, baterista, percussionista e produtor musical que já colaborou com diversos artistas da cena musical contemporânea brasileira e internacional.



Renata Novaes

Jornalista e líder do estudo sobre "Respeito às diferenças" na Globosat. Ativista, busca construir novas narrativas de acesso às minorias políticas sociais em espaços de poder.



Vitor Felix

Mareense, mestrando em Letras, educador do ensino básico, escritor e artista visual, desenvolve sua poética escrita e visual na perspectiva LGBTQ+, nas dinâmicas da favela e como essas narrativas vivas se encontram e colidem na literatura.



Ryane Leão

Poeta e professora cuiabana que vive em São Paulo. Autora de "Tudo nela brilha e queima" (2017) e "Jamais peço desculpas por me derramar" (2019), ambos pela Editora Planeta. Publica seus escritos na página

[@ondejazzmeucoracao](#).

OBSERVAÇÕES SOBRE AS INSCRIÇÕES

O edital ofereceu uma mentoria e um financiamento entre R\$3 e R\$10 mil para 31 projetos (20 artistas produtores individuais e 11 coletivos organizações) adaptarem suas atividades de modo a mantê-las e durou de junho a setembro. Foram realizados questionários online com os selecionados em dois momentos: antes do início do aporte e imediatamente após. O objetivo era identificar como foram afetados pela pandemia e os efeitos do edital nesse processo.

Como resultado, identificamos que o edital não foi suficiente para evitar que os coletivos precisassem reduzir equipe: 18,2% tinham perdido integrantes por insustentabilidade financeira antes frente a 50% depois. No entanto, houve um efeito positivo relevante na sobrevivência dos projetos: 50% afirmaram que o modelo de negócios perdurou. Entretanto, os resultados ainda são preocupantes: 60% sentem que a pandemia inviabiliza, enfraquece ou cria riscos para o futuro do projeto. Antes do edital, esse resultado era

de 54,5%. Pode-se entender que o edital teve efeito positivo durante a sua duração, mas não mudou a perspectiva mais geral frente uma pandemia que segue demandando fortes restrições. A partir disso, infere-se que o financiamento atendeu ao objetivo de viabilizar a atuação, mas a prolongação da pandemia no tempo, demanda iniciativas mais contundentes e vindas do poder público. Uma área cuja necessidade de reforço da atuação pública é grande é na remuneração de artistas e equipe: 31,4% das respostas sobre expectativa de uso dos recursos envolvia remuneração, mas esse número chegou a 53,3%.

10 ↓

Outro ponto é que houve uma redução de 10 pontos percentuais dos que estavam muito confiantes que os projetos sobreviveriam à crise, ainda que todos sigam pelo menos um pouco confiantes. Os resultados inferiores às expectativas iniciais podem ser atribuídos ao fato de que esperava-se que a situação fosse normalizada até o fim do ano.

A necessidade de uma ação pública mais enfática também é evidenciada pelo fato de que, antes do aporte, apenas 9,1% não achavam que ele contribuiria para a sustentabilidade do projeto frente a 20% ao final. Uma conclusão é que editais do terceiro setor são fundamentais como complemento, mas sem ações governamentais contundentes não há como substituí-las e ser suficiente para sustentabilidade prolongada no tempo como a pandemia está demandando.



No caso dos artistas individuais, o edital foi especialmente fundamental para reduzir o impacto da pandemia: 89,5% afirmaram que o dinheiro viabilizou atividades, aliviou riscos de longo prazo ou gerou oportunidade de validar novo modelo de negócios. Diferente dos coletivos, no entanto, esse resultado influenciou positivamente as perspectivas com relação à pandemia: houve queda de 20 pontos percentuais na percepção de que a pandemia inviabilizou, enfraqueceu ou gerou riscos de longo

prazo. A migração ocorreu para uma visão de que a pandemia mudou o modelo de negócios. De modo semelhante, podemos apontar que também houve uma subestimação de quanto da verba teria que ser usada para remuneração: uma diferença de 9 pontos percentuais. A confiança na sobrevivência dos projetos, no entanto, aumentou: 15 pontos percentuais a mais de artistas muito confiantes, ainda que 5 a mais para nada confiante.

Possivelmente, o fato de terem sido mais afetados no início, com a maioria perdendo completamente a renda, contribui para uma percepção mais otimista quanto ao recebimento do dinheiro, mesmo que o prolongamento no tempo também se mostre problemático, afinal 65% ainda se vêem em uma situação de inviabilização, enfraquecimento ou existência de riscos de longo prazo para o próprio projeto.



PROJETOS SELECCIONADOS

PARTICIPANTES

Arcasi

Jean Carlos dos Santos

Milena Gomes Vital

Breno Henrique de Souza

Jefferson Vasconcelos

Juliana Targino

Karina R. Donaria

Lucas Henrique Ferreira

Matheus Motta de Moura

Paulo Jorge R. Barros

David Almeida

Irenilda da Silva

Ricardo Xavier

Anderson de Oliveira

Matheus Benny

Pablo Marcelino

Rejane Barcelos

Mc Martina

Kamyla Galdeano Pereira

DJ Renan Valle

Rodrigo Maré

Jonatan Peixoto

Rayanne Felix

Saulo Pereira

Geandra Nobre

Marcelo Vitor/ MaréMoTO

Vanu Rodrigues

Vinicius Ribeiro

Wallace Lino

Raphael Santos da Cruz

Simone Lauar

INSCRIÇÕES POR

Faixa etária:

Nº de propostas:

18-24

30

25-30

29

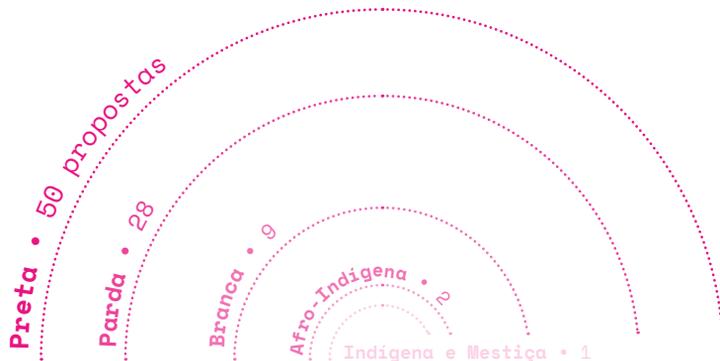
30-40

27

40+

5

Declaração de Cor/Raça:



Declaração de Gênero:

♂ Homem CIS • 54 propostas

♀ Mulher CIS • 27

☹ Prefiro não dizer • 7

* Não-binária • 2

♂♀ Mulher Trans • 1

Características das propostas

Individual • 40 propostas

Coletivo • 51 propostas

Bolsa de incentivo

R\$3.000 • 17 propostas

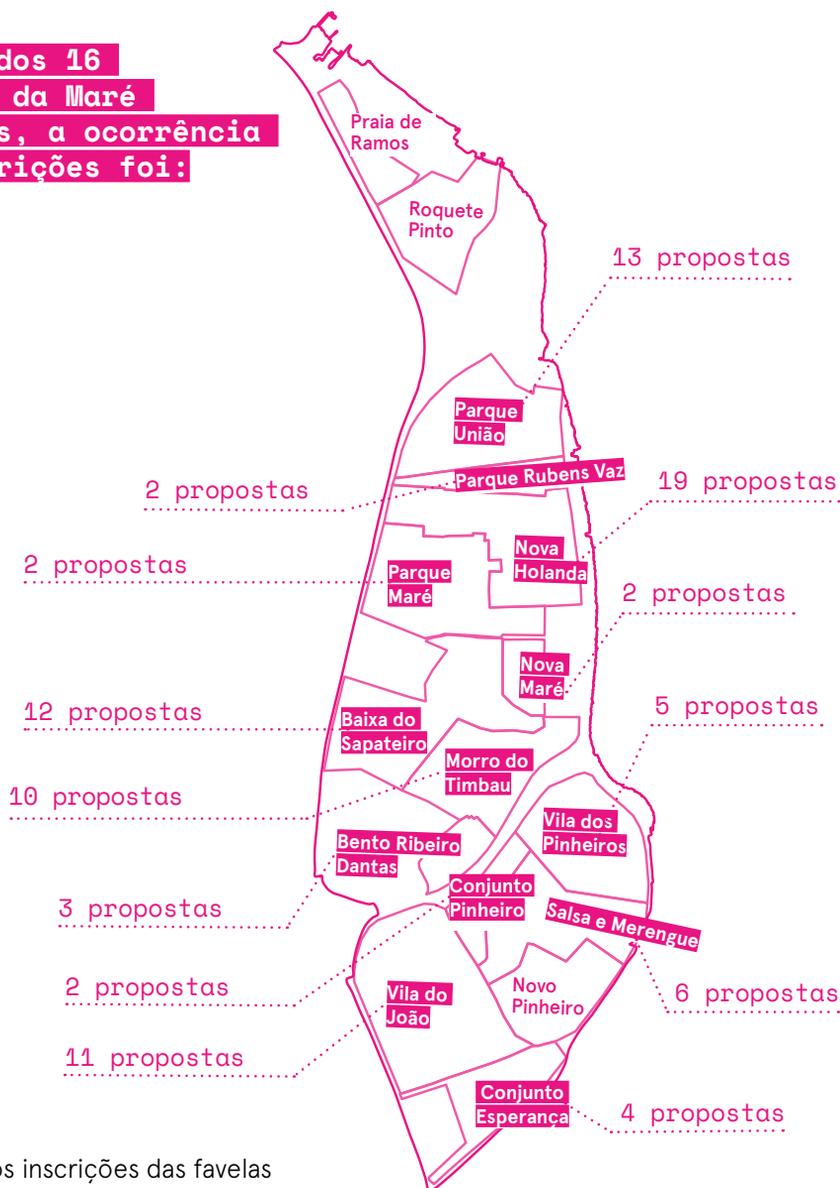
R\$5.000 • 57 propostas

R\$10.000 • 17 propostas

Categorias de projetos

- Audiovisual • 32
- Produção e distribuição • 11
- Literatura • 10
- Música • 9
- Teatro • 7
- Artes Plást. • 6
- Foto/texto • 6
- Dança • 5
- Podcast • 5

Dentro dos 16 bairros da Maré listados, a ocorrência de inscrições foi:



Não tivemos inscrições das favelas de Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias.



A Casa como Lugar da Arte

Angélica Lopes / Arcasi

Arcasi é artista afro indígena, 'malaca' da Marambaia, bairro da zona norte de Belém- PA. Mora no Complexo da Maré desde 2006. Estuda História da Arte na Escola de Belas Artes da UFRJ e integra os coletivos Casa da Quinta (PA) e Afroresistências (RJ). Desenvolve experimentações com poesia, fotografia, instalações e presença.

Perfil: Individual

Proposta:

"A Casa como Lugar da Arte" é uma afirmação da casa como ponto fundamental nos processos de criação artísticos e de vida. Este projeto propõe usar esse espaço para conectar virtualmente mulheres artistas promovendo discussões sobre os temas arte, gênero, raça e classe em tempos de pandemia e divulgar trabalhos artísticos para circulação nas redes.

Como:

4 conversas em formato live no Instagram disponíveis no IGTV do perfil [@_arcasi](https://www.instagram.com/_arcasi)

Encontros com América Bonifácio (PA) e Carolina Rodrigues (RJ), Antônia Muniz (PA) residente em Minas Gerais e May Agontinme (SP), Renata Dore (RJ) residente em Minas Gerais e Kerolayne Kemblin (PA), Nicki Preta (RJ) e Agrippina R. Manhattan (RJ).

Desejo:

"Pensei em fazer uma curadoria de trabalhos que estas artistas estivessem produzindo naquele momento, e logo refleti "estamos vivendo uma pandemia! Como cobrar de mulheres racializadas, periféricas,

que elas estejam produzindo num momento tão delicado e vulnerável pra nós?”, então abri para além dos trabalhos o compartilhamento de sensações, sentimentos naquele período, reflexões de trajetórias além dos trabalhos em andamento. ”

DESDOBRAMENTOS

“ Quando veio a pandemia eu estava no terceiro trimestre de minha gravidez do meu filho Valentim, então a vida mudou inteira: não poder sair de casa, trabalhos escassos, tendo que elaborar estratégias para sobreviver. Eu já abria minha casa para receber artistas, conversas, pequenas exposições, muitas de nós já tínhamos esse lugar da casa como espaço de criação, ‘casas-ateliês’, ‘quarteliês’, tudo ao mesmo tempo. Em um período em que a violência contra as mulheres aumentou, era muito importante conversar entre nós estratégias de segurança e garantia de direitos e como converter esse espaço “doméstico” em um espaço público, evidenciando e gerando visibilidade de um modo remunerado, reconhecendo a intelectualidade, o trabalho e a presença delas, um

trabalho colaborativo que criasse uma rede de redistribuição, inclusive de recursos financeiros e estratégias. Esse projeto me fez aprender as novas tecnologias de uma forma circular, durante a execução nós fomos trocando sobre como melhorar o áudio, fazer lives...uma reelaboração de tudo o que eu sabia fazer até então e me fez pensar que é importante afirmar que é trabalho, mesmo que ele não seja presencial. É nosso tempo, é nossa vida, nossa presença. Ao todo, participaram 1 realizadora e curadora – eu –, 1 mentoria do Pandro Nobã, 8 artistas convidadas – 6 mulheres negras, 2 brancas, 2 mães e 1 mulher trans –, e isso conta muito do que eu entendo que é necessário de mostrar, como uma construção de artista, de pessoa e ativista. ”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“ Poder acompanhar de perto uma artista como a Arcasi foi muito importante. Um dos pontos que eu destaco é que Arcasi estava grávida e seu bebê nasceu bem na época desse processo, então a vivência do projeto dela ficou mais potente ainda. Seu projeto aborda esse tema que é tão importante e que acontece muito entre mulheres artistas das periferias do Brasil afora. Além disso, ela é uma pessoa incrível e trabalhar com ela foi grandioso.”

– **Pandro Nobã**



TAGS

Artes Plásticas

25 a 30 anos Afroindígena

Mulher cis Parque União

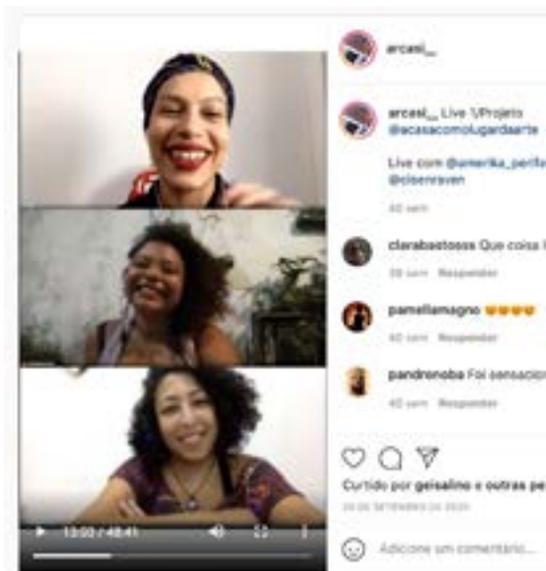
Artes plásticas Individual

Presença Gênero

Mulheres racializadas

Mulheres periféricas

Casa-ateliê Maternagens



ARTISTAS CONVIDADAS



Nicki Preta
(RJ)



Agrippina Manhattan
(RJ)

ARTISTAS CONVIDADAS



Renata Dorea
(MG)



Kerolayne K.
(AM)

ARTISTAS CONVIDADAS



Antônia Muniz
(MG)



May Agostinime
(SP)





GATILHOS

Narrativas visuais da pandemia

Jean Carlos Azuos

Jean Carlos Azuos é artista-curador, educador e pesquisador. Mestre em arte e cultura contemporânea pelo PPGARTES/UERJ. Atualmente desenvolve a curadoria e coordena as programações no Galpão Bela Maré-RJ.

Perfil: Individual

Proposta:

Um projeto de Mostra a partir do convite e curadoria de trabalhos de artistas convidados para compartilhar

suas narrativas visuais: produções, vivências e experiências em tempos de pandemia, em formatos e materialidades diversas.

Como:

Criação de uma Mostra de arte contemporânea publicada no perfil do Instagram [@mostra.gatilhos](https://www.instagram.com/mostra.gatilhos), em diálogo com a cena das artes visuais e seus desdobramentos. Participaram com seus trabalhos os artistas Aline Besouro, Caju Bezerra, Fel Barros, Guilhermina Augusti, Irmãs Brasil, Kamila Camillo, Mari Rocha, Matheus Affonso, Preta Evelin, Preta QueenB Rull, Rafael Amorim e Thiago Saraiva

Desejo:

“Pensar como artistas contemporâneos das periferias estavam refletindo sobre esse lugar na pandemia, o que estavam produzindo e o que queriam dizer. Todos os materiais estão em organização visual e suscetíveis a múltiplos compartilhamentos na plataforma e em diálogo com a cena das artes visuais e seus desdobramentos.”

DESDOBRAMENTOS

“Meu pensamento foi dentro de um escopo de possibilitar a redistribuição financeira, a partir disso pude contribuir para a colaboração de designer, revisor de texto, 12 artistas e fiquei muito feliz de me sentir nesse lugar. Acho sempre um acerto abrir chamadas públicas em contextos emergenciais. Devido ao curto tempo não abri uma chamada pública, mas convidei diretamente os artistas, fiz a curadoria a partir deste convite. É um projeto em continuidade, um perfil no Instagram que vai seguir funcionando e sendo alimentado.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Trabalhar com Jean foi maravilhoso, um artista com um olhar incrível sobre as narrativas abordadas pelo mesmo e com uma sensibilidade ímpar. Seu projeto contou com uma equipe incrível com várias personalidades da arte de vários segmentos e eu tive ainda o prazer de participar de uma live com o próprio Jean o que foi enriquecedor pra mim.”

– **Pandro Nobã**



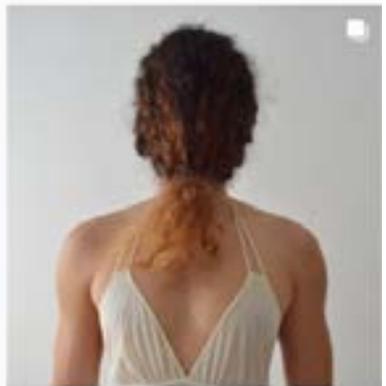
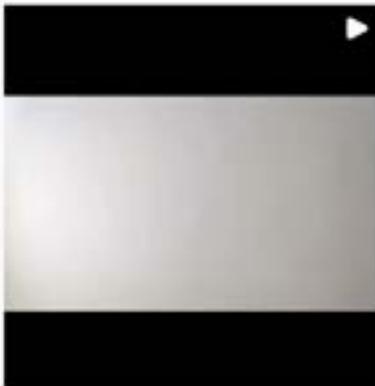
TAGS

25 a 30 anos **Preta**
Homem cis **Nova Holanda**
Artes plásticas **Individual**
Curadoria **Fotografia**
Arte contemporânea
Performance **LGBTQIA+**

GATILHOS

NARRATIVAS VISUAIS NA PANDEMIA







Meus olhos janela de casa

Milena Gomes Vital

Artista multifuncional, nasceu em São Gonçalo e é cria de Japeri e Maré. Desenhista e poeta desde a infância, mesmo com divergências familiares nunca abandonou a arte. Em 2015 encontrou o Teatro do Oprimido, onde atuou por um tempo no grupo MaremoTO. Participou do festival juventude da Maré no Parque das Ruínas. Mergulhou em pinturas e colagens, se especializando em artes manuais. Atuou no Projeto Entre Lugares Maré no espetáculo 'Ela Não Se Lembra Mais - 33 Planos Contra

o Esquecimento', onde é atriz e aderecista. Confecciona bonecos e acessórios e é admiradora da particularidade, onde trabalha com beleza em geral. Esse ano fez sua primeira exposição, na "Festa do beco", no Museu da Maré. Mulher autodidata, mergulhou no conhecimento inspirando-se na força ancestral e na realidade que sobrevive. Usa suas artes como manifesto, tendo como objetivo mudança, exercendo seu papel na sociedade de artista visual independente.

Perfil: Individual

Proposta:

"Meus olhos janela de casa" é uma série de imagens que retrata o nosso dia a dia, onde vivenciamos a exclusão social como: desigualdade, genocídio, a exploração mas também alegrias e afeto.

Como:

Série de desenhos, pinturas, stêncil e colagens poéticas de autoria da artista publicadas no Instagram

[@venus_de_mi](https://www.instagram.com/venus_de_mi)

Desejo:

“Muitos fecham a janela da alma para toda situação caótica do país e mundo, fingem que nada acontece, mas quem passa do outro lado sabe como é lidar com estereótipos sociais diariamente. Em fase pandêmica surgem conflitos internos e externos, nessa eu te pergunto, o que sua janela observa?”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Pinturas sobre o cotidiano durante a pandemia na Maré. Conhecer e poder acompanhar o processo dessa artista plástica foi incrível. Milena é uma artista e pessoa incrível que usa múltiplas técnicas para explorar e para se expressar através das suas telas que vão muito além das pinturas. Milena utiliza colagem, stêncil e muita criatividade.”

– **Pandro Nobã**



TAGS

18 a 24 anos Afroindígena

Não binária

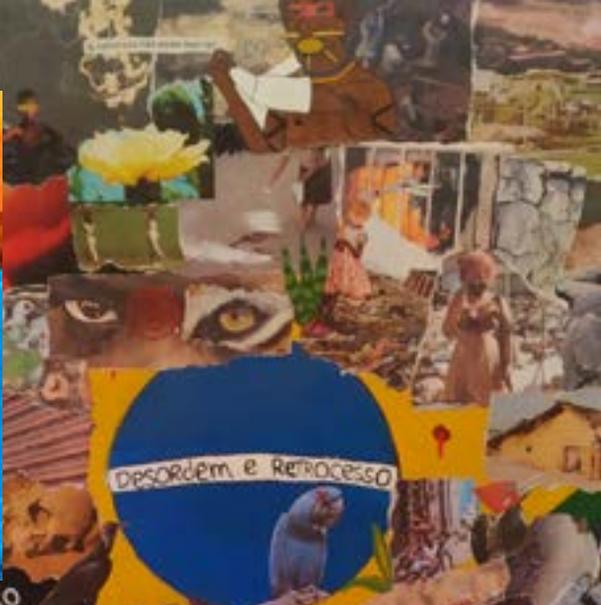
Salsa e Merengue

Artes plásticas Individual

Pintura Colagens

Stêncil Poéticas







Maré em si

Breno Henrique de Souza

Oceanógrafo formado pela UERJ e `cria' do Complexo da Maré. Sempre esteve ligado em atividades de educação ambiental para diferentes públicos, dialogando e contextualizando as temáticas com as realidades de cada ouvinte/participante. Já realizou atividades de educação ambiental presencial com crianças da Maré e em empresas com trabalhadores de diversos setores. Propõe uma reflexão a partir da história da Maré, ressaltando a força do povo e um olhar mais profundo dos problemas socioambientais que envolvem o maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro.

Perfil: Individual

Proposta:

O projeto tem como ponto principal a formação em educação ambiental, trazendo realidades que e(co) existem e fundamentam no/o Complexo da Maré. A produção é totalmente audiovisual e seu principal objetivo é trazer conteúdo de forma descontraída e crítica.

Como:

Realização de 2 reportagens disponíveis no IGTV do perfil [@bh_soumare](#) que elenca instituições, espaços culturais, espaços públicos entre outros, que são importantes pontos de promoção da cidadania no território, e histórias de dois pescadores para entender melhor a relação Maré - Baía de Guanabara.

Desejo:

“O projeto parte do princípio de que quando nós, cidadãos da Maré, tomamos posse do conhecimento sobre o território e lutamos por nossos direitos, vamos além de sermos mareenses, nos tornamos Maré em si. Uma Maré que reflete sobre a sua própria existência e se

propõe a pensar os desafios da vida no território.”

DESDOBRAMENTOS

“Através da pesquisa, roteirização e realização de 2 vídeos-reportagens, divulgar um ponto de vista crítico sobre a visão da mídia hegemônica sobre o Complexo da Maré, publicizando a presença de um sem número de organizações civis, não-governamentais e coletivos que são fundamentais para a assistência cultural e social do território, pontos turísticos e de importância ambiental, organizações e coletivos para o exercício de esportes e cultura, dados sobre saneamento básico, resíduos sólidos, educação ambiental e a situação de pescadores da Baía de Guanabara e adjacências..”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Um projeto necessário. Ele retoma algumas discussões já bastante conhecidas em torno do assunto favela, e que cada vez mais são importantes de se (re)pensar. Com uma pegada crítica e cômica ao mesmo tempo, Breno, roteirista

e idealizador deste projeto, atua também como repórter de bancada de jornalismo agindo para a des-caricaturização desse território. Já mora a chance de refletirmos sobre a Maré como parte fundamental da cidade do Rio de Janeiro e sobre a potência artística e pulsante dessa comunidade. Breno também esteve atento aos prazos e a comunicação com a mentoria foi ótima.”

- **Drika de Oliveira**



TAGS

25 a 30 anos **Parda**

Homem cis **Individual**

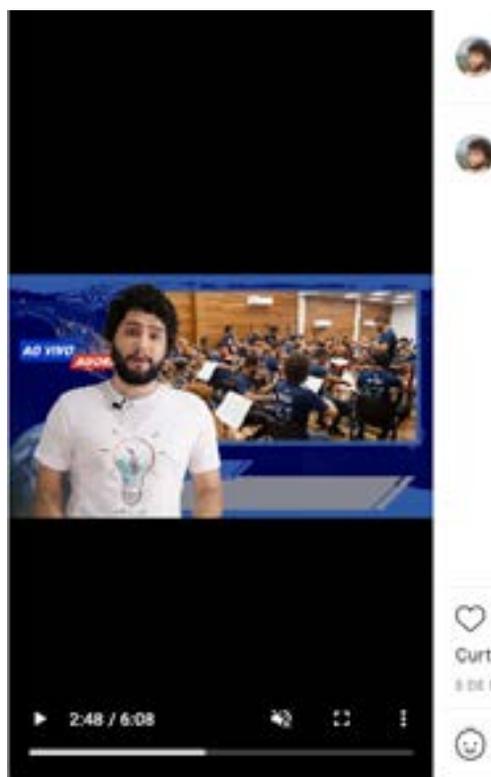
Bento Ribeiro Dantas

Audiovisual **Informação**

Meio Ambiente **Cidadania**

Baía de Guanabara

Jornalismo





bh_soumare

bh_soumare Que Maré você conhece?

Se a grande mídia não mostra nossas potências, nós moradores da Maré mostramos! Este é o ep01 do projeto Maré em Si.

"A realização desse projeto foi possível graças aos recursos da Chamada Pública: novas formas de fazer arte, cultura e comunicação nas favelas em 2020, realizada pela Redes de desenvolvimento da Maré @redesdamare em parceria com o People's Palace Projects, Itaú Cultural e patrocínio do banco Itaú."

Curtido por dougloppes e outras pessoas

NOVEMBRO DE 2020

Adicione um comentário...

Publicar





Brizolão

Jefferson de Souza
Vasconcelos

Diretor dos curtas “Jorge”, selecionados pelos principais festivais de curta-metragem do Brasil e no Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul, e “[In] consciência”, premiado como Melhor Montagem na Semana dos Realizadores 2018. Desde 2011 no mercado audiovisual, atua como Diretor de Fotografia e/ou Operador de Câmera.

Perfil: Individual

Proposta:

Roteirização e realização de vídeo documentário sobre os ciclos de

políticas públicas no território da Maré. Uma pesquisa preliminar do autor destacava o projeto dos CIEPs (Centro Integrados de Educação Pública) construídos na década de 80, mesma década em que a Maré iniciava sua formação. É um piloto de uma série documental investigativa que pretende se desenvolver em mais temáticas: políticas de habitação, diferentes projetos de casas populares que aconteceram no espaço, ocupações, entre outros.

Como:

Realização de um filme em linguagem remix através da plataforma de streaming NUVELA, construído a partir do disparo de trechos de materiais de arquivo audiovisuais disponíveis no Youtube, roteirizados para exibição não-randômica.

Desejo:

“Abordar a história de implantação de diferentes políticas públicas na Maré, desde seu início até os tempos atuais.”

DESDOBRAMENTOS

“Uma mudança de rota na produção do filme foi trazê-lo para a plataforma

NUVELA, adaptando os trechos de arquivos que foram ganhando interesse pra mim enquanto roteirista, adicionando-os em uma lista única através de duas modificações: a de exibição do material em preto e branco e a desativação do sistema randômico para que o roteiro fosse seguido de uma forma interessante, como proposta de linearidade na edição.

Foi muito interessante conhecer a equipe de professoras do CIEP, a questão das mulheres, elas são incríveis, e entender as coisas um pouco mais de perto. Eu, por exemplo, nunca tive experiência educacional aqui no território, sempre morei aqui mas nunca estudei numa escola aqui do espaço, então a construção do CIEP sempre teve uma coisa de jogar bola no sábado, quando eu era muito criança e depois só as coisas enquanto “paisagem” (contexto). É uma onda de política pública relevante, foi uma super experiência pessoal e até mesmo de compreender vários momentos, vários períodos do território, me fez ter uma outra compreensão sobre quem estava visitando...Isso é uma outra coisa doida de uma época que a gente

viveu aqui: as pessoas que estavam vindo aqui como visitantes e fazendo um trabalho bem sério e que ajudou a formar uma geração de pessoas que são relevantes hoje no território.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Seu filme foi pensado para ser assistido na plataforma Nuvela, uma proposta de experiência audiovisual feita a partir do acervo da Universidade Popular de Arte e Ciência do Rio de Janeiro. A reportagem trata de um experimento cinematográfico com uma proposta de flanação virtual. Inspirado em obras de Gabriel Mascaro, o espectador é convidado a um caminhar vago por acontecimentos políticos passados ao mesmo tempo em que a tela nos propõe algo de uma estética futurista, como a viagem pelo Google Earth e a própria ressignificação do termo novela. A troca com a mentoria foi boa, apenas alguns pequenos estresses que logo foram resolvidos.”

- **Drika de Oliveira**



TAGS

30 a 40 anos Preta

Homem cis

Baixa do Sapateiro

Individual Audiovisual

Novela Cinema Arquivo

CIEP Políticas públicas



NU
VE
LA

NU
VE
LA





Placa Mãe

Juliana Targino

Atriz, graduanda em Atuação Cênica pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. É co-fundadora do Coletivo Arame Farpado, ganhador do 8º Prêmio Questão de Crítica.

Perfil: Individual

Proposta:

O Coletivo Arame Farpado busca a continuidade da pesquisa do projeto "O Clássico Êxodo", produzindo um filme sobre a história de uma mãe favelada e como ela sobrevive na pandemia, criando sua filha sem rede de apoio.

Como:

Realização de um episódio piloto de ficção - documental no Youtube [@COLETIVO ARAME FARPADO](#) e lançamento do filme em *live*.

Desejo:

SINOPSE: Sol acorda em sua casa, na favela da Maré, sem memória dos últimos meses. Sua filha Violeta já tem 1 ano e está andando. Na busca por resgatar suas lembranças ela é confrontada pelo tempo. Passado, presente e futuro estão conectados? ATENÇÃO! Explosões solares podem por vezes afetar o sistema.

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“A comunicação com a equipe da Juliana fluiu bem no primeiro momento da mentoria. A equipe nos pareceu bem organizada e o projeto bastante interessante: uma peça de teatro reconstituída num formato audiovisual. Poucas semanas depois do início do projeto, Juliana teve Covid-19 e ficou um bom tempo sem conseguir retomar o trabalho. O restante da equipe passou um tempo significativo sem nos dar notícias e, depois de alguns meses, o projeto foi

assumido por uma Produtora.”

- **Drika de Oliveira**



TAGS

18 a 24 anos Preta

Mulher cis Nova Holanda

Individual Audiovisual

PLACA MÃE



SÉRIE PLACA MÃE PILOTO



LIVE SÓL TARGINO 2021



Live Weekend | SÓL TARGINO (OFICIAL) Tour Minha História - Fique em Casa - #SOLAMORES #Comigo

502.434 visualizações

15 MIL

343

COMPARTILHAR

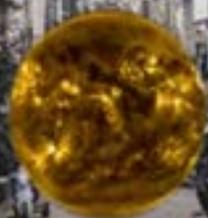


2:37 / 7:18

Clique para ver detalhes

LACA MÃE_PILOTO

LACA



MÃE

episódio 1

1:16 / 7:18

Role para ver detalhes

- MAXX
- Movap So
- Michelo 180
- SOM BAL
- 81818888
- SAYRALHO
- to Val g va
- que Tudo
- BALLET MA





Batendo a Laje, no especial Corona na Favela Amarévê / por Karina Rodrigues Donaria

Karina Donaria é criadora de conteúdo, favelada, nerd e gamer. Uma das idealizadoras e diretora criativa da AMARÉVÊ. AMARÉVÊ é um coletivo de 6 mulheres que atua com comunicação e audiovisual desde 2014, no Parque União, com o objetivo de contar histórias e produzir memória. Construir narrativas e compartilhar temas relacionados ao cotidiano da favela; com foco na resignificação de conceitos. Contar e

registrar essas memórias faz parte de um processo de resistência.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Informação, favela e pandemia. “Batendo a Laje” é um programa audiovisual em 4 episódios, que apresentou através da pesquisa e entrevista com moradores e profissionais variados, a relação das favelas durante a pandemia do coronavírus. Temas como operações policiais, música, comunicação, cultura e futuro, o programa é apresentado por âncoras que dão o fio condutor da narrativa em uma laje, na Rua Brasília, no Parque União.

Como:

Uma série (IG [@amareve](#) e Youtube [@AMARÉVÊ](#)) que utiliza da paródia de um programa jornalístico apresentado por 2 âncoras (Raphael Vicente, influencer e comunicador e Karina Donaria). Com uma cuidadosa seleção de temas e pesquisa de dados, a série toca questões sensíveis do cotidiano nos bairros com a chegada da pandemia, como a ausência de eventos culturais, a decisão favorável do STF na ADPF 635, acesso à internet

e comunicação comunitária, desejos para o futuro, sempre inserindo referências e menções a personagens da favela.

Desejo:

“Trazer informações sobre a articulação de pessoas no cenário da pandemia com uma comunicação acessível para todes.”

DESDOBRAMENTOS

“A ideia de fazer o programa já existia, a grande demanda que a gente queria atender era informar a galera trazendo informações mais simples, de uma forma mais direta, com dados objetivos, trabalhar o conteúdo de informação pra favela `sem encheção de linguiça, mandando o papo reto mesmo`. E percebemos o quanto isso se fez necessário durante a pandemia, tanta informação que chegava e o quanto esse excesso de informação gerava ansiedade e também por isso a gente convidou o Rafa (Rafael Vicente), que tem uma forma de comunicar super leve, num ambiente familiar (e por isso a escolha da laje). O resultado surpreendeu a gente, e apesar de já termos uma idéia das

pautas na inscrição do projeto, a gente sempre teve o cuidado de sentir muito o que fazia sentido para aquele momento que estávamos vivendo, tanto para as pessoas que a gente ia convidar pra falar, quanto os dados pra que de fato fosse uma coisa que entregasse um conteúdo que fizesse sentido para geral.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Essa galera aqui já estava super afiada. O Batendo a Laje é um projeto daqueles que a gente sente que está tudo certo, resolvido. Com uma pegada humorística, e uma estética de bancada de jornalismo, Karina Donaria e Raphael Vicente falam de temas como a atual pandemia de Covid-19, operação policial e as potências da favela com uma pegada bem divertida. Em meio aos memes clássicos da internet, ouvimos também convidados especiais como DJ Renan Valle, Thais de Jesus e Raul Santiago. Tudo certo com essa equipe!”

- Drika de Oliveira



TAGS

18 a 24 anos Preta

Mulher cis Parque União

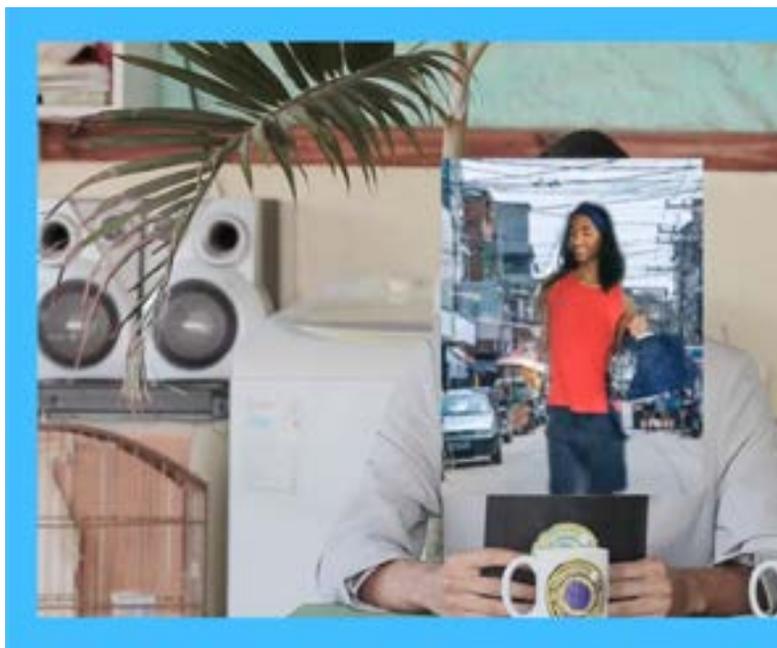
Coletivo Audiovisual

Pesquisa de dados

Jornalismo Vozes da favela

ADPF 635 Cultura

Comunicação comunitária



mareve Batendo a Laje - Bunk
potências

geral ansiosa(o) pelo nosso se
pissido? Chegou! Hoje vamos
mais ideias sobre o coronavírus
untas com o @rachaevicente
alar sobre as potências da fav
operações policiais e a @athas
eio explicar pra gente sobre a
ADPF.

é o play pra pegar a visão!
quer saber mais sobre a ADPF
avelas? Acesse:
<https://www.adpfdasfavelas.org>

Continuem ligadas(os) que nas
próximas semanas tem mais laj
ater por aqui!

por movimentos_ e outras pes

10 DE 2020

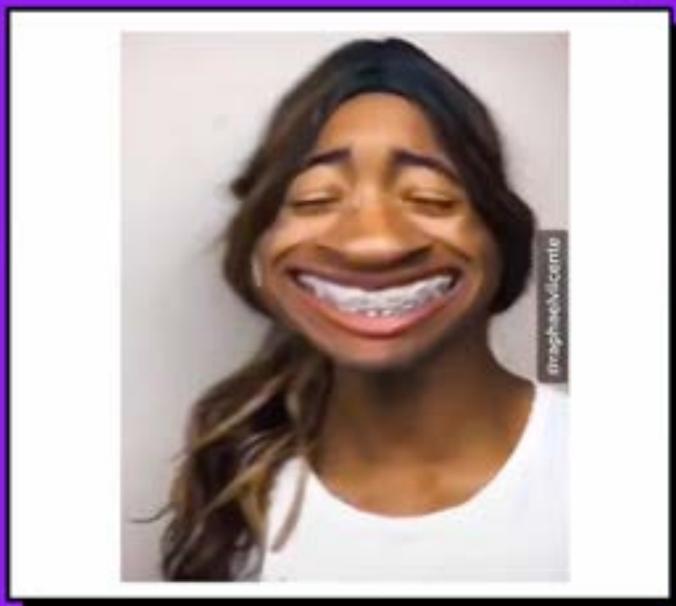


▶ 0:01 / 4:30



amarévê

— X





Projeto Capoeira contra o Corona

Lucas Henrique Ferreira
/ Lucas Buda

Jovem favelado e arte educador, professor de educação física e Capoeira, pós graduando em relações étnico raciais. Coordena o projeto social Maré de Capoeira e atua na rede privada de ensino ensino, dando aulas de capoeira para crianças e jovens. Atua também com educação física adaptada para pessoas com deficiência.

Perfil: Individual

Proposta:

Com o objetivo de seguir

comunicando a importância de reforçar positivamente corpos e histórias que são historicamente negados em função do racismo presente na sociedade, realizar curtas sobre mulheres e homens que mudaram o curso da história, com o objetivo de expandir a representatividade e quebrar estereótipos da figura do herói e heroína apresentada pela grande indústria do cinema.

Como:

Uma série audiovisual com vídeos de 5 a 7 minutos no canal do Youtube [@Lucas Buda Capoeira](#) que através da atuação de Lucas como narrador e ator, utilizando a adição de cenários virtuais com o uso de chroma key e personagens fantoches em tecido, conta a história de 5 personagens negros que influenciaram a história da capoeira e da cultura popular do Brasil. A série traz para além da história destes personagens, cantos, passos e movimentos da capoeira de forma divertida e lúdica.

Desejo:

“Que as crianças continuassem tendo acesso ao conteúdo da Capoeira durante o isolamento, videoaulas que

trouxessem não só os movimentos da capoeira, mas que tivessem como pano de fundo algo que sempre abordei nas aulas presenciais, que é a ligação com a história do Movimento que construiu a Capoeira, a história do povo preto.”

DESDOBRAMENTOS

“Foi incrível a repercussão que esse projeto tomou. Eu a princípio esperava que meus alunos assistissem, que as crianças da Maré assistissem, e hoje eu recebo mensagens do país inteiro. No dia da consciência negra em novembro, uma professora de Brasília me mandou uma foto dos alunos dela assistindo os vídeos na aula da escola. A série toda foi vista por mais de 3 mil pessoas. O projeto foi sendo redesenhado no meio do caminho e ficou muito melhor do que eu imaginava que fosse ficar. Os mentores ajudaram adaptando o roteiro, dando sugestões, ajudas técnicas e de fotografia e iluminação por chamada de vídeo... dá até pra notar uma evolução do primeiro vídeo para o último, graças a esse apoio. Foi um projeto que me ajudou na minha carreira, num momento muito difícil,

e a partir daí estou produzindo outras ideias, outros formatos de trabalho, continuo usando a experiência e aplicando em outros trabalhos e só tem melhorado a qualidade da minha produção. As artes gráficas da Juh Barbosa levaram a identidade do projeto pra um outro patamar, a gente divulgava a arte no começo da semana e o episódio era lançado às sextas-feiras e a galera já ficava doida, compartilhando, o que ajudou muito na divulgação.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Lucas nasceu para o trabalho que faz! Ele investiu nessa série, posso dizer seguramente que esse foi um dos projetos mais emocionantes dessa primeira edição da Chamada Pública. Lucas soube aproveitar muito bem o processo - que é tão fundamental e que está sempre em constante evolução. Vi Lucas comprar os fantoches para dar vida a seus personagens, vi a construção do chroma key na laje, a compra e a instalação dos spots de luz, os vários tratamentos do roteiro. Mil detalhes trabalhados minuciosamente. O Capoeira é pé no chão, é consciente

é fiel às grandes figuras que seus personagens de pano colorido representam: mestre Bimba, Marielle Franco, Rainha Njinga e Zumbi dos Palmares certamente deram a benção a este projeto.”

- Drika de Oliveira



TAGS

25 a 30 anos Parda

Homem cis Parque Maré

Individual Audiovisual

Capoeira Culturas populares

Personagens históricos

Negritude História Lúdico





Assistente de Teatro, Rua e Bateria de Percussão

EPISÓDIO 4

MARIELLE FRANCO



19h
25 09

 Lucas Buda Caporina

uma obra de LUCAS BUDA

Assistente de Teatro, Rua e Bateria de Percussão

EPISÓDIO 5

A BATALHA FINAL



19h
02 30

 Lucas Buda Caporina

uma obra de LUCAS BUDA

Assistente de Teatro, Rua e Bateria de Percussão

EPISÓDIO 3

A LUTA CONTINUA



19h
30 30

 Lucas Buda Caporina

uma obra de LUCAS BUDA



A Maré e o corona Matheus Motta de Moura

Tem 19 anos, é morador da Nova Holanda, sempre acreditou que a Educação deve ser pública, gratuita e de qualidade. Foi bolsista de iniciação científica júnior na UERJ, em pesquisa sobre o desenvolvimento dos bairros no RJ. Atualmente, cursa Estudos Japoneses na Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio, no Japão.

Perfil: Individual

Proposta:

Realizar uma série de 3 episódios que aponta quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos

moradores nesse momento do COVID e como elas são resultado da falta de assistência governamental.

Como:

Uma minissérie de 3 episódios divididos em: Episódio 1: “Antes da Onda Viral” que aborda a história do surgimento das favelas no RJ; Episódio 2: “Não estamos no mesmo barco” que fala sobre a precariedade de infraestrutura nos bairros e as questões de moradia e o Episódio 3: “Caiu a Rede”, sobre a necessidade da Internet como ferramenta primordial para articulação dos moradores nas favelas.

Desejo:

“Eu fazia parte de um projeto de iniciação científica “LUMEI - Lugar, Memória e Identidade” onde estudava a história dos bairros do RJ a partir da escuta das pessoas que moraram nos bairros, para além do que os documentos oficiais tinham para oferecer. Quando eu vi a oportunidade de participar da Chamada eu falei: ‘por quê não juntar um conteúdo que é histórico, que tem a ver com o desenvolvimento das favelas aqui da Maré e como isso reflete hoje no fato da gente ter que enfrentar tantos

percalços durante esse processo de pandemia?”

DESDOBRAMENTOS

A série de 3 episódios foi escrita, pesquisada, roteirizada, gravada, animada, narrada e editada por Matheus. Na elaboração de sua primeira proposta para uma chamada pública ou edital, trouxe para a prática a dedicação de muitas horas de trabalho, a elaboração de questões burocráticas como a destinação de gastos, o desenvolvimento de narrativas audiovisuais, o aprendizado sobre animação videográfica e muita experiência em como controlar as técnicas de fotografia sozinho, mesmo gravando na laje embaixo do Sol de 40º do Rio de Janeiro no verão.

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O espectador consegue aprender com as informações que Matheus apresenta, ao mesmo tempo em que ri e se emociona. Uma série leve, sensível e muito bem resolvida. A citação de trechos de falas de moradores da Maré, recortadas por Matheus do livro “Memória

e identidade dos moradores de Nova Holanda” e colocadas na série por meio de uma narração e inserts de imagens da Maré são momentos lúdicos e super potentes desse projeto, dignos de grandes documentaristas brasileiros. Nas entrelinhas desses episódios vemos o quanto Matheus se dedicou a pesquisar o território de onde e sobre o qual fala. Para mim, a genialidade desse projeto está profundamente ligada a esse respeito pela memória, pelas imagens, pelos moradores que ele resgatou. Um grande profissional de audiovisual!”

- **Drika de Oliveira**



TAGS

18 a 24 anos **Parda**

Homem cis **Nova Holanda**

Individual **Audiovisual**

História **Memória**

Identidade **Moradia**

Contemporaneidades

Acesso a internet

Ministério do Turismo, Itaú e Redes da Mare apresentam:

A MARÉ E O CORONA

ANTES DA ONDA VIRAL | EPISÓDIO 1

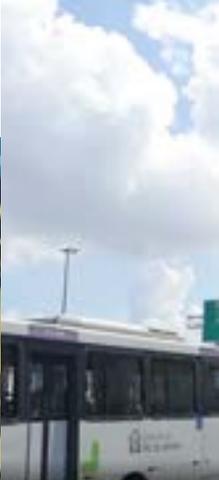


Ministério do Turismo, Itaú e Redes da Mare apresentam:

A MARÉ E O CORONA

NÃO ESTAMOS NO MESMO BAR

EPISÓDIO 2



Ministério do Turismo, Itaú e Redes da Mare apresentam:

A MARÉ E O CORONA

CAIU A REDE | EPISÓDIO 3







Festa na favela

Paulo Jorge R. Barros

Morador da Maré, é graduando em Pedagogia pela UERJ. Fotógrafo formado pela Escola de Fotógrafos Populares em 2009 e pelo Curso de Formação em Educadores da Fotografia em 2010. Documenta a cena underground de rock na Maré desde 2009.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Na realização de um documentário, acompanhar as duas torcidas “Paixão Fla Maré” (Vila do Pinheiro) e “Nação Maré” (Morro do Timbau) em um

momento histórico vivido pelo time do Flamengo. Altos preços das passagens e dos ingressos e a longa distância não tiraram do torcedor rubro negro a vontade e alegria de estar juntos, na final da competição sul-americana, torcendo pelo time de coração. Tendo a rua como sendo uma extensão da casa favelada, o torcedor as ocupou para festejar o apoio ao seu clube e assim, a rua virou arquibancada.

Como:

Um documentário de 25’ disponível no Youtube [@Favela em Foco](#), que mostra a visão do título por dentro do Complexo da Maré, mais precisamente nas comunidades do Morro do Timbau e da Vila do Pinheiro.

Desejo:

“Amor descontrolado. Uma torcida que abraça um time como pouco se vê no mundo. Da caminhada para o aeroporto nos braços da torcida até a violência policial na comemoração do título na principal via do centro do Rio de Janeiro, a torcida do Flamengo mostrou que independente de diretorias e ligações políticas o maior trunfo do Flamengo é sua torcida. Não é um documentário qualquer, é

uma declaração de amor à torcida do Flamengo e a todas as favelas.”

DESDOBRAMENTOS

“Fazer parte desse projeto foi algo importante para todos nós. Possibilitou a finalização do nosso documentário, fortaleceu os vínculos da nossa equipe que esteve distante em todo o processo de escrita e submissão ao crivo do edital. Demos aos moradores a oportunidade de rememorar dias incríveis, os mesmos que auxiliaram a superar toda a incerteza que foi trazida pelo confinamento proveniente da pandemia de covid-19. Por fim, participar da chamada e ser contemplado foi algo inédito na minha carreira e trouxe mais confiança para participar de outras chamadas ou editais, fora a experiência nova de escrever um projeto.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Paulo Barros e sua equipe são alegria pura. O projeto deles, um filme com imagens de 2019 em que o Flamengo foi campeão brasileiro, foi uma homenagem genuína ao

Flamengo, seu time do coração. O filme foi também uma chance da gente rever as ruas lotadas em dias de final de campeonato; ruas lotadas de gente comemorando o futebol e a vida. A equipe estava super atenta à mentoria, foi uma troca super legal!”

- **Drika de Oliveira**



TAGS

30 a 40 anos **Preta**

Prefiro não dizer

Baixa do Sapateiro

Coletivo **Audiovisual**

História **Memória**

Identidade **Futebol**

Torcidas organizadas

Vozes da favela



Favela em Foco apresenta



/favelaemfoco

FESTA NA FAVELA

"Amor maior não tem igual"



FESTANAFVELA



Agência Cultural

Itaú Cultural

Agência



Parcerias



Realização



FESTANAFVELA

DESDE 1991 - EM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

QUARTA-FEIRA, 21 DE NOVEMBRO DE 2019

R\$ 1,10



Consumo, em 2020, deve voltar a nível pré-recessão

Com juros menores e liberação do FGTS, famílias sustentam retomada, enquanto investimento ainda patina

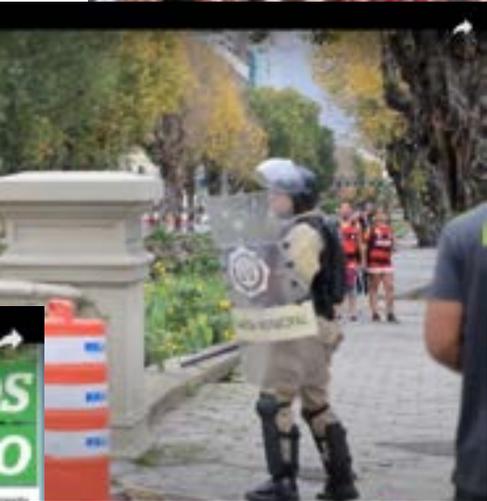
Representante especial do Banco Mundial para o Brasil afirmou que o consumo doméstico deve voltar a nível pré-recessão em 2020, enquanto o investimento ainda patina. Segundo ele, a recuperação do consumo será impulsionada pela queda dos juros e pela liberação do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS). O investimento, por sua vez, continuará a ser afetado pela incerteza econômica e pela redução da demanda por novos investimentos.



NOS BRAÇOS DA NAÇÃO



FESTANAFVELA





Yoga Dance

David Almeida

David Almeida começou a dançar aos 11 anos na Vila Olímpica da Maré e recebeu uma bolsa de estudos no Conservatório Brasileiro de Dança, onde permaneceu por 8 anos. Viajou e participou de diversos festivais, inclusive um dos maiores festivais de dança do Brasil em Joinville – SC. Atuou no musical “Annie” e nas campanhas publicitárias da “Coca-cola” e “Shell”. Atualmente é professor de dança no Espaço Tijolinho na Maré, Drag Queen no projeto “Eeer” e faz parte do curso de formação de professores em Hatha Yoga através do Yoga na Maré.

Perfil: Individual

Proposta:

Yoga dance é uma prática de autoconhecimento que combina ferramentas do Yoga e da dança. Serão proporcionadas aos moradores aulas virtuais, juntando as duas práticas.

Como:

Disponibilização de formulário de inscrição para as aulas com duração de 40 min. de Yoga Dance, duas vezes por semana durante um mês, pelo aplicativo Zoom. Cada encontro terá 20 vagas com idade mínima de 14 anos. Divulgação através do Instagram [@daviddmagalhaes](https://www.instagram.com/daviddmagalhaes).

Desejo:

“Trabalhar a consciência corporal e a dança, oferecer a oportunidade de criar uma rotina de saúde durante a pandemia.”

DESDOBRAMENTOS

As aulas aconteceram durante o mês de setembro de 2020, às terças e quintas às 11h. As aulas foram conduzidas por Ana Olívia, instrutora de Yoga e David de Almeida, professor

de dança e bailarino, e tiveram como convidado o professor de Passinho Richard Santtos. “Como nesse momento em que vivemos, nós artistas tivemos que nos reinventar. Tive a ideia de escrever esse projeto e falar sobre o yoga e a dança, duas atividades que foram importantíssimas pra mim como artista, yogue, bailarino e professor de dança no percorrer da quarentena. Iniciaremos com a aula de yoga, que libera o corpo e a mente de tensões, melhora o condicionamento e ajuda na nossa dança. Após o yoga, faremos uma aula de dança onde iremos trabalhar com diferentes estilos para assim aumentar nosso repertório e nos familiarizarmos com a dança. Para o yoga dance eu convidei a minha professora de yoga e fundadora do [@yoganamare \(@anaoliviacardoso\)](#)).

CITAÇÃO DA MENTORIA

“ O projeto teve algumas dificuldades de execução, porém a dedicação em manter a aproximação com os inscitos para as aulas potencializou os esforços do professor. As dificuldades de execução estavam relacionadas principalmente em

relação ao uso da internet e a qualidade do serviço oferecido nas favelas, nesse caso, na Maré. As aulas aconteceram com adaptações de datas, mas a modalidade inovadora e o plano de aula criado pelo bailarino e coreógrafo são os pontos principais do projeto, além da união de diferentes estilos de trabalho artístico-corporal proposto. ”

- **Andreza Jorge**



TAGS

25 a 30 anos **Preta**
Homem cis **Nova Holanda**
Individual **Dança** **Yoga**
Saúde física **Corpo**
Aula online **Passinho**

WRITING BY CECILIA IRIE E RIZZO DA NAVE AFRODIAVA

Ana Oliveira
INSTRUTORA DE YOGA

David Almeida
PROFESSOR DE DANÇA

Yoga Dance

INSCRIÇÕES ABERTAS
LINK NA BIO

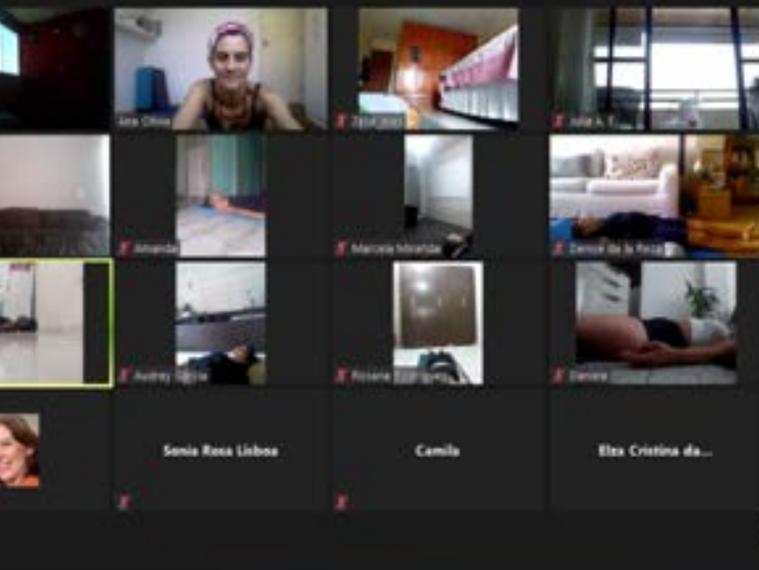
TERÇAS E QUINTAS ÀS 19H - AULAS NO ZOOM

WRITING BY CECILIA IRIE E RIZZO DA NAVE AFRODIAVA

Richard Santos
PROFESSOR DE YOGA

Yoga Dance

CONVIDADO



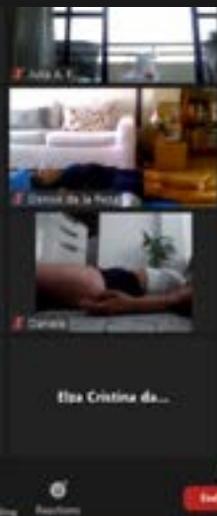
Q find a participant

- Ana Cléia (Muita Sim) 🔊 📹 🗑️
- David Almeida 🔊 📹 🗑️
- Amanda 🔊 📹 🗑️
- Audrey Garcia 🔊 📹 🗑️
- Camila 🔊 📹 🗑️
- Daniela 🔊 📹 🗑️ Make it Mute Share
- Daniel de la Hoz 🔊 📹 🗑️
- Julia A. F. 🔊 📹 🗑️
- Maria Sampaio 🔊 📹 🗑️
- Marcela Almeida 🔊 📹 🗑️
- Rosana Rodrigues 🔊 📹 🗑️
- Silvia Simas 🔊 📹 🗑️
- Silvana Souza 🔊 📹 🗑️

More Make it Mute Share

Ativar o Vídeo
Ativar o áudio para todos os Windows

Chat



From Julia A. F. to Everyone:
Muita Sim!

From Kelly Walter to Everyone:
tá aqui de Minas dançando com vcs

From Audrey Garcia to Everyone:
Obrigada David!❤️

From Kelly Walter to Everyone:
sucesso!

From Julia A. F. to Everyone:
Muita Sampaio!

From Audrey Garcia to Everyone:
obrigado!

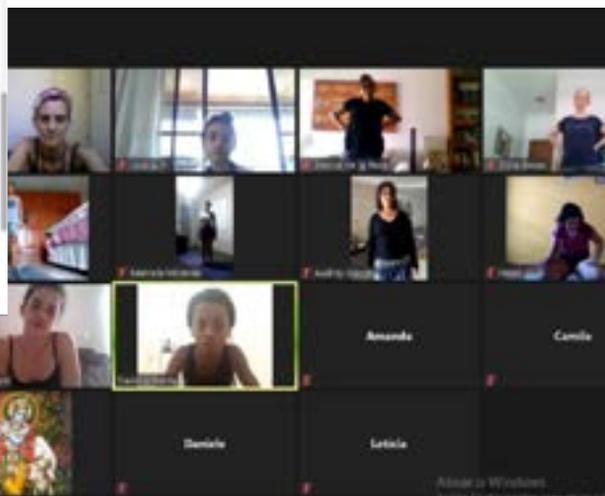
From Maria Sampaio to Everyone:
muito legal!!

From Camila to Everyone:
muito obrigada!

From Kelly Walter to Everyone:
Obrigada prezados! Já é simão, agradeço
imensamente a todos!❤️ Mar, Ana, Tat,
Tat!

📎 **WhatsApp** 🔊 📹 🗑️

Receba mensagens de texto, áudio e vídeo de Windows





Lugar de Mulher

Mulheres ao Vento / por Irenilda da Silva

Criado em 2016, “Mulheres ao Vento” é um espetáculo de dança multi-linguagem com inspiração afrobrasileira que, através de uma metodologia teórico-prática, percorre conteúdos que dialogam com o cotidiano de mulheres da Maré. Temas como racismo, feminismo e suas lutas, violência de gênero, maternidade, ancestralidade, intolerância religiosa, entre outros, são abordados. O coletivo almeja produzir processos de desconstrução da imagem negativada de uma cultura que é sistematicamente aniquilada a partir

de opressões estruturais, partindo de olhares decoloniais e plurais.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Realizar lives no Youtube sobre o tema “Onde é Lugar de Mulher?” desenvolvidas em formato de aulas teórico-práticas, abordando as discussões do espetáculo “Mulheres Ao Vento (MAV)”, tendo como inspiração a cena específica denominada “Lugar de Mulher”.

Como:

Reuniões remotas de planejamento de aulas teórico-práticas para serem transmitidas, abordando as discussões do projeto Mulheres Ao Vento (MAV), culminando em vídeos-performances que tratem o lugar da mulher nessa relação de distanciamento social.

Desejo:

“Desenvolver a compreensão dos contextos plurais do que é ser mulher na Maré através da dança.”

DESDOBRAMENTOS

“A partir da proposta, foram realizados vídeos curtos sobre o processo criativo,

depoimentos, fotografias, danças e material de arquivos pessoais das participantes, denominados “Mulheres ao Vento: Diário de uma pandemia” em 3 episódios: “Não tem artista que aguente”; “Uma saudade de SP” e “Saudade de uma roda”. A live no Youtube [@Mulheres Ao Vento](#) – MAV com o nome de “Meu corpo DANÇA” reuniu Irenilda da Silva, Adriana Custódia, Lurdinha, Lenice Silva, Luiza e Ana Lúcia Alves dos Santos, Sendy Silva, Andreza Jorge compartilhando a experiência do projeto com a presença de 173 pessoas ao vivo. “Todo ano buscamos nos atualizar. 2020 foi o ano de pensar na ideia de nossas casas. Sempre estamos em um palco dançando, na rua, e esse ano a gente repensou a nossa casa como este espaço dançável, nosso lugar de performance. Como a gente consegue dividir estas tarefas, dar conta da rotina, jornadas triplas e ainda conseguir um tempo pra pensar em nós mesmas? Como faço da minha casa um lugar de Arte, pra me expressar? Mesmo apertado, com roupa bonita ou feia, se o chão tem piso ou é de cimento, esse é o meu lugar, meu lugar de dança e de me fazer bem.”

CITAÇÃO DA MENTORIA

“O ponto mais interessante do desenvolvimento do projeto gira em torno do engajamento de seu público alvo diante do contexto atual... Mulheres adultas, se aventurando em aulas de dança on-line e em discussão de temas sociais, muito pertinentes para o momento de isolamento que pressupõe riscos concretos à vida das mulheres. Foi muito importante ter uma alternativa para esses corpos que estão continuamente sendo vistos do ponto de vista do trabalho de cuidar e servir a toda a família, em situação de protagonismo, criação e liberdade.”

– Andreza Jorge



TAGS

+ de 40 anos Parda

Mulher cis

Parque Rubens Vaz

Coletivo Dança Audiovisual

Saúde do corpo Feminismo

Espaço da casa



OUT 22 2020
18h

DANÇA AFROCUBANA: SENHORA DAS ÁGUAS

com **MIRIAN MIRALLES**

OVANNA BIANCO

Ministério do Turismo, Itaú e Redes da Maré apresentam

A IMPORTÂNCIA E DA DANÇA COM A PANDE

LIVE - 11/09
convidada

TULANI PEREIRA

SIMONNE ALVES



"Meu corpo DANÇA" convida Helayne Sampaio Ulefun



Meu corpo DANÇA



Meu corpo DANÇA





Maré em Movimento Coletivo Papo de Laje / por Ricardo Xavier

Intérprete, criador, coreógrafo, ator, performer, professor e produtor cultural. Atualmente bailarino da “Lia Rodrigues Cia de Danças”. Formado pela Escola Livre de dança da Maré e graduando em licenciatura em dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Junto à Luciana Domingos criou o “Coletivo Papo de Laje”, é ativista e militante pelos direitos e acessos dos corpos negros, favelados e LGBTQIA+.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Através da Dança, trabalhar diferentes frentes de ocupação do corpo em nossas casas, aulas com professores da favela, concurso de vídeos dos moradores da Maré dançando em suas casas, apresentação de espetáculos de artistas favelados e em espaços de favela.

Como:

Realização de aulas online de técnicas de dança abertas a todos, apresentação com horário marcado de espetáculos de 5 artistas selecionados e a premiação de vídeos mais votados onde pessoas de diferentes comunidades do Brasil enviavam o material dançando dentro de suas casas, pelo Instagram @ [Coletivo Papo De Laje](#).

Desejo:

“O que fazer em tempos de quarentena em meio à grande Pandemia que isola o mundo em suas casas? Como tornar a rotina mais tranquila, seja fisicamente ou mentalmente?” Tudo isso depende das nossas possibilidades de se mover, do que nosso corpo consegue fazer. Com

isso, criamos uma rede de experiências para a ocupação do corpo, da mente e do espaço, experiências que nos levarão ao pensamento do bem individual e do coletivo.”

DESDOBRAMENTOS

“Escrevemos 3 vertentes/eixos: Dança para Todos – que precisamos rever o título e mudamos para “Dança para todes” na reflexão de para quem as aulas de dança online ao vivo estavam sendo propostas, o acesso foi para a Maré e além da Maré. Temas como exemplo ‘como extravasar na quarentena’, ‘táticas de sobrevivência e resistência’ dentro desse lugar da casa que está só pressionando nossos sentimentos. Na primeira fase eram materiais bons de pessoas da Maré, focados em pessoas do território. No segundo, não recebemos quase nenhum material da galera daqui, então ampliamos para outras favelas do Rio de Janeiro e quando começamos a terceira fase, recebemos materiais de pessoas de outros estados, então ampliamos mais um pouco. Tivemos o objetivo de gerar renda para nós e vários colegas que estavam passando por

essa situação de sufoco, então foi um respiro pelo menos. Foi um projeto bastante longo, com muitas demandas de ajustes conforme o andamento, mas faz parte do processo de criação e produção, fiquei bem feliz.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O projeto foi uma iniciativa fundamental dentro do território e no momento de pandemia, por levar em consideração o período e a vulnerabilidade de artistas e professores de dança do território diante da queda das oportunidades de trabalho. Reuniu diferentes artistas em iniciativas com aulas, lives e produções artísticas que tinham remuneração em dinheiro com o intuito de colaborar com a prática artística no momento de vulnerabilidade. Atuando do micro para o macro, o projeto é uma iniciativa que pode apontar caminhos para novos investimentos e formas de fazer.”

– **Andreza Jorge**



TAGS

18 a 24 anos Preta

Prefiro não dizer

Parque Rubens Vaz

Coletivo Dança Saúde mental

Saúde do corpo LGBTQIA+

Espaço da casa Aulas online





Quilombo Moderno

Anderson de Oliveira

Anderson Oli, 26 anos, nascido em João Pessoa - Paraíba. É estudante de Letras e de Teatro, morador do Complexo da Maré há 10 anos. Atualmente, desenvolve trabalhos com Arte e Educação, acreditando nessas ferramentas como movimento de transformação social.

Perfil: Coletivo

Proposta:

O projeto tem por objetivo estimular a leitura coletiva durante o período de pandemia como práticas de saúde mental, utilizando-se das plataformas

digitais em encontros semanais.

Como:

Com a organização feita por Anderson, Jéssica Lene e Natália Brambila foram realizados encontros virtuais às sextas-feiras às 11h, divididos em dois momentos: primeiro, a leitura; o segundo, um diálogo aberto para troca de reflexões. A divulgação se deu no Instagram [@quilombomoderno](https://www.instagram.com/quilombomoderno).

Desejo:

“Com intuito de popularizar obras literárias de autores(as) negros(as), tentando assim amenizar através de encontros e debates os efeitos psicológicos como ansiedade, depressão, desânimo e solidão causados durante o isolamento social no Complexo da Maré.”

DESDOBRAMENTOS

“Na Universidade, nas escolas, não tem muita leitura obrigatória de intelectuais negros. Enquanto estudante de Letras, não via mesmo, são muito poucos. Foi interessante que alcançamos muita gente do Rio de Janeiro, da Maré, mas também gente do Brasil todo, gente do

Acre, de Recife, de comunidades de todo o Brasil, então isso é muito enriquecedor, foi e está sendo. Morar em favela tem essas dificuldades: a falta de conexão limita a gente. Acho que na divulgação, eu senti um pouco de falta de engajamento, mas acho que foi uma característica da internet mesmo. O projeto começou 'boca a boca', um amigo indicando outro amigo, que resultou numa rede bem legal, as turmas chegavam a 30 pessoas, depois 40, a gente tentou trazer pessoas referências (tentamos convidar a Conceição Evaristo mas ela não respondeu, mas foi muito legal porque a gente leu o livro dela)... Tudo o que a gente escreveu no edital, a ideia de pensar esse isolamento, pensar a leitura como uma prática de saúde mental, de troca de conversas, foi o mais foda do projeto, porque a gente falava realmente sobre as vivências, sobre as dores, de escuta, a gente lia um pouco, parágrafos ou capítulos do livro e depois debatia. Então surgiam diversos temas, problemáticas. o projeto ainda segue, não parou não. Foi muito bacana a experiência para minha trajetória enquanto estudante, estar pensando Arte e Cultura.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O processo da mentoria foi a mediação das ideias que o grupo nos trazia, desafios de levar a leitura considerada mais acadêmica para o meio digital, pensando acesso e compreensão de pessoas não habituadas a essas leituras, mas interessadas nos debates. A estratégia de divulgação e criação de público aconteceu principalmente pelo Instagram. Durante o projeto, o público da página cresceu e a recepção dos conteúdos sempre foi bastante positiva.”

- Vitor Felix



TAGS

25 a 30 anos Preta

Homem cis Morro do Timbau

Coletivo Literatura

Saúde mental Debates

Literatura preta

Leitura coletiva

MINISTÉRIO DO TURISMO, ITAÚ E REDES DA MARÉ APRESENTAM:

QUILOMBO MODERNO

Um projeto criado por três jovens da favela durante a pandemia, para a leitura compartilhada de intelectuais negres.

PROJETO CONTEMPLADO PELA CHAMADA PÚBLICA NOVAS FORMAS DE PASSAR ARTE, CULTURA E COMUNICAÇÃO NAS FAVELAS



Jessica Lane



Raíssa Brambila



Anderson Oli

@QUILOMBO MODERNO

INÍCIO DA CIDADANIA, ITAÚ E REDES APRESENTAM:

OLHOS D'ÁGUA

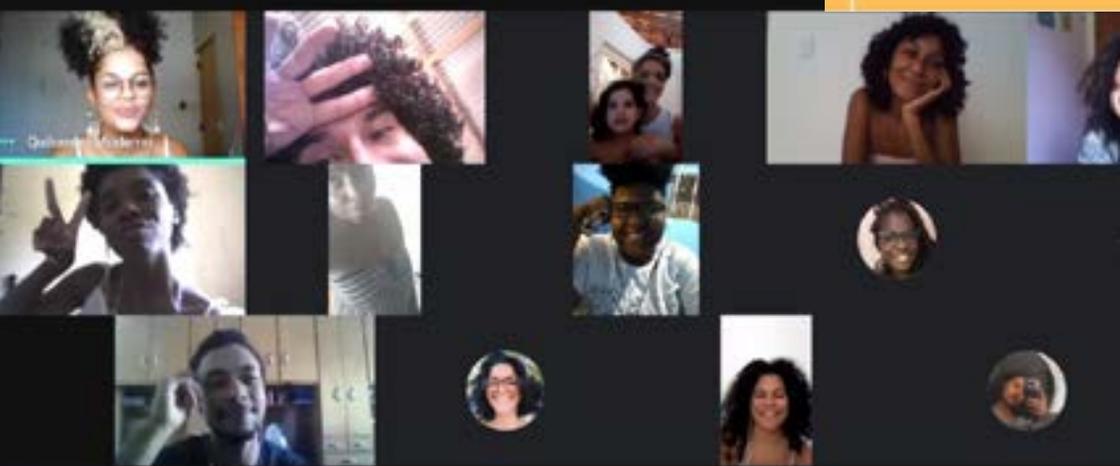
NOVA LEITURA



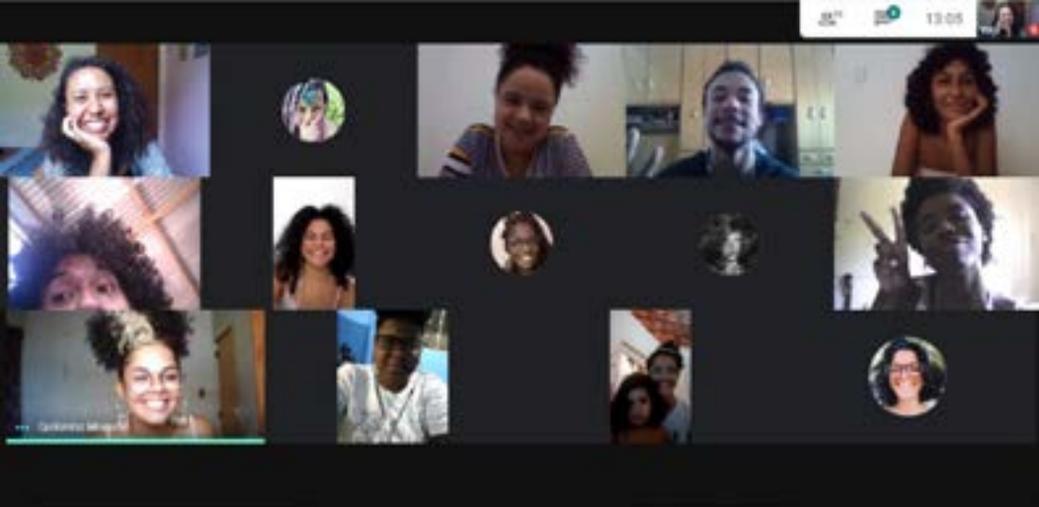
CONCEIÇÃO EVARISTO
@QUILOMBO MODERNO

"CONHECI MINHA MÃE ATRAVÉS DOS OLHOS DA MINHA MÃE"

@QUILOMBO MODERNO



Anderson Oli saiu da reunião





Vamulê?

Matheus Benny e
Vitória Farias

Ator do grupo de teatro “Teatro em Comunidade”, sediado no Centro de Artes da Maré, é também aluno do Pré Vestibular da “Redes da Maré” e mediador do “Clube de Leitura Lima Barreto”, mantido pela Biblioteca Lima Barreto e “Livro Labirinto”, ao qual atribui grande importância na idealização e formatação deste projeto. Aos 20 anos, prepara-se para o vestibular em Pedagogia.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Uma série de vídeos em formato de resenha e debate sobre literatura brasileira.

Como:

Produção audiovisual feita no/e para o Conjunto de Favelas da Maré apresentados por Vitoria Farias e Matheus Benny e divulgados no Instagram [@vamule_](#).

Desejo:

“Priorizar autores negros e periféricos e realizar vídeos de análises de livros listados para as futuras provas do vestibular da UERJ. Os vídeos serão postados no Youtube no canal [@Vamulê!](#), por ser uma plataforma democrática, gratuita e acessível, que é muito utilizada nesse momento de isolamento social, ocasionado pela covid-19.”

DESDOBRAMENTOS

Foram realizados 4 vídeos trazendo os resumos dos livros “Triste Fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto, “Quarto de Despejo” de Carolina de Jesus, “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” de Conceição Evaristo,

“O Sol Na Cabeça” de Giovani Martins. Com uma linguagem jovial, os vídeos traziam, além do resumo elaborado pelos apresentadores pesquisadores, curiosidades e comentários sobre os autores.

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“ Um projeto de promoção e estímulo à leitura criado por Matheus Benny e Vitória Farias, a partir do canal no Youtube criado ao longo do processo de mentoria. Os dois são jovens interessados em leitura e criaram o projeto a partir do interesse de ler e divulgar suas leituras de escritores negros do Brasil, desde clássicos da literatura a escritores contemporâneos. Os vídeos foram produzidos por equipe montada pelos próprios proponentes e foram gravados na Biblioteca Lima Barreto, na Maré, um dos locais onde desenvolveram seu interesse pela leitura. Eles atingiram mais de mil visualizações durante o tempo de produção da primeira temporada de vídeos do canal. ”

- Vitor Felix



TAGS

18 a 24 anos Preta

Homem cis Nova Holanda

Coletivo Literatura

Literatura na favela

Livros na favela

Literatura preta



QUARTO DE DESPEJO - CAROLINA MARIA DE JESUS



0:28 / 1:53

sol Na Cabeça - Giovani Martins



0:08 / 2:01

Role para ver detalhes



Insubmissas Lágrimas de Mulheres - Conceição Evaristo



Maria da Conceição Evaristo de Brito



0:26 / 4:35





Mostra de Poesia Infanto-Juvenil da Maré

Pablo Marcelino

Pablo Marcelino, cria da Maré, Rio de Janeiro, tem formação em Teatro pelo projeto “Entre Lugares Maré”. Escreveu para o jornal comunitário Voz das Comunidades e participou do projeto de incentivo à leitura, “Literatura Comunica”. Foi o organizador e curador da proposta.

Perfil: Individual

Proposta:

Realizar a Mostra de Poesia Infanto-Juvenil da Maré (Julho-Agosto) com textos de autoria própria sobre a quarentena, no Youtube [@Mostra de Poesia Infanto-Juvenil da Maré](#).

Como:

Viabilizar um concurso e premiação de poesia para crianças entre 10 e 14 anos, recolher a autorização dos responsáveis no ato de inscrição e um vídeo com a performance da poesia, os jurados são moradores da Maré.

Desejo:

Fomentar eventos culturais para o público infanto-juvenil e ampliar o acesso a eventos culturais para a região da favela Salsa e Merengue.

DESDOBRAMENTOS

“Poesia é uma palavra sofisticada, ela inibe um pouquinho, a gente que é restringido desse debate que às vezes fica muito na Academia acaba ficando inibido. Até pensei em trocar essa palavra na próxima Mostra...então a ideia foi dar um pouco essa quebrada

na palavra “poesia” e mostrar que sim, um RAP, um FUNK, uma letra que uma criança daqui da nossa favela faz também pode ser chamada de poesia. Começar a discutir, a entender melhor o que essa criança considera poesia, pra que a gente possa trazer, incluir ela também para esse campo. O projeto já deu certo, porque a gente colocar 10 crianças recitando textos de sua própria autoria já é um ganho em plena pandemia, muito enriquecedor para todos. É o primeiro projeto que eu coordenei de poesia. Tive uma pequena crise de ansiedade, mas considero como um aprendizado, a gente tira uma lição de cada coisa que ocorre. A dificuldade foi muito na comunicação interna da minha própria equipe, cada entrega que alguém atrasava comprometia o trabalho de outra pessoa, e vai virando esse ciclo vicioso do atraso... mas no final a gente tem que dar um jeito... Adiar, reajustar, cortar aqui, tirar uma verba daqui e colocar ali.... Até conversei isso com os mentores, é um projeto que ainda estou digerindo a experiência e ainda não sei como vai funcionar nos próximos anos, não depende só de mim, depende de fatores externos, de apoio.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Um plano bem estruturado que precisou de auxílio para pensar apenas detalhes do próprio processo de produção. As inscrições foram divulgadas pelo WhatsApp, Instagram e páginas do Facebook, contando com limite de inscritos, já que o próprio Pablo faria a curadoria dos textos. A edição da Mostra foi um sucesso, atingindo mais de 9 mil visualizações no Youtube (plataforma escolhida para o concurso), somando os 11 vídeos selecionados entre os candidatos. Duas categorias criadas pelo edital concederam prêmios aos candidatos com os vídeos mais curtidos da Mostra.”

- Vitor Felix



TAGS

18 a 24 anos **Preta**

Homem cis **Vila do João**

Individual **Poesia**

Literatura infanto-juvenil

Estímulo a escrita

Mostra de Poesia INFANTO-JUVENIL DA MARÉ

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, ITAÚ E REDES DA MARÉ
APRESENTAM

Mostra de Poesia INFANTO-JUVENIL DA MARÉ

VENHA PARTICIPAR

INSCRIÇÃO: 22/08 A 30/08

RECEBIMENTO DO MATERIAL
PELOS ARTISTAS: 03/09 A

LEIA O REGULAMENTO NA

Poema "Outro Jeito de Viver" por Kaylane

"Outro Jeito de Viver"
Por Kaylane Satillo

▶ ⏪ ◀ 0:21 / 0:50

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, ITAÚ E REDES DA MARÉ
APRESENTAM

Mostra de Poesia INFANTO-JUVENIL DA MARÉ

INSCRIÇÕES PRORROGADAS

ATÉ O DIA 15/09

DUVIDAS E INFORMAÇÕES
VIA WHATSAPP (21) 98159-0758

Poema "Outro Jeito de Viver" por Kaylane Sabilo



Alexandre Neves





Batalha de Poesias do Complexo da Maré

Slam Maré Cheia /
por Rejane Barcelos

Iniciado em 2019, é a primeira batalha de poesias do conjunto de favelas do Complexo da Maré. Em 2019 foram realizadas 7 edições itinerantes que ocuparam com poesia diversas localidades da Maré. Organizado por 4 poetas moradores da Maré, o coletivo Slam Maré Cheia, além de organizar as batalhas mensais, faz apresentações de poesia em diversos eventos pela favela e fora dela.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Uma batalha de poesias virtual entre slammers, poetas moradores da Maré e a realização de vídeos com moradores da Maré respondendo a pergunta: “O que é Maré Cheia para você?” e edição de um livro.

Como:

Realizar a batalha em lives no Instagram [@slam.mare.cheia](#). Os jurados dão suas notas imediatamente após a performance de cada slammer, sendo a maior e a menor nota descartadas e as restantes somadas. Cada poeta tem até três minutos para fazer sua apresentação, sendo obrigatoriamente, uma poesia de sua autoria, não podendo usar objetos cênicos, acompanhamento musical, nem solicitar qualquer ajuda da plateia em sua performance.

Desejo:

“Valorizar nossas próprias narrativas e consolidar trajetórias tão singulares e coletivas, mostrar a pluralidade que esse território tem, a Maré é complexo e é poesia. Queremos mostrar a dimensão do que é a Maré, a Mídia

resume a Maré em um território muito menor do que ele realmente é e também resume à violência e dor. Quando a gente compôs a nossa estrutura do slam, a gente queria mostrar as potências do território.”

DESDOBRAMENTOS

“Quando veio a pandemia, pegou todo mundo de surpresa, a gente já tinha se reunido para montar a agenda toda do ano e essa agenda foi por água abaixo. Todas as agendas canceladas, isso acabou afastando um pouco o coletivo porque cada um foi tentar fazer seu corre. Quando vimos a Chamada, já sabíamos o que queríamos fazer com o processo, estava muito coeso dentro do coletivo. Mas não conseguimos realizar os vídeos com os moradores, aqui na Vila do Pinheiro estava tendo um problema de vazamento de vídeos de bandidos que foram para o Jornal e essa polêmica coincidiu com a etapa de gravação, as pessoas passaram a desconfiar sobre o que era o projeto, para quê o vídeo, acabamos não conseguindo realizar. Além do nosso pró labore, compramos equipamento, consertamos meu celular, compramos

uma ring light, e publicamos o livro do poeta vencedor da Batalha de 2019, que foi o Dudu Neves, “Versos para Elegbá”, na editora Alepa, a primeira editora do território coordenada por uma mulher preta que também estava passando por dificuldades, então a verba foi fundamental para ajustarmos essa dívida que a gente tinha.

Premiamos a artista vencedora de 2020, Iasmyn Ohany, além de garantir a vaga pro Slam Brasileiro. As edições foram lindas, muito potentes, tivemos inscrições de ótimos poetas, o material de divulgação ficou muito bom, tiveram participações inesperadas como Rodrigo França, Sidney Santiago, Nelson Maca, Marcelino Freire, Camila Pitanga, Zélia Duncan...e essas pessoas todas viram de alguma forma o trabalho do Maré Cheia e viram também a Maré reverberando potência. Isso é muito simbólico.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“No processo de mentoria, Rejane trouxe diversas propostas do coletivo, para além da Batalha, mas que por conta do cronograma e de gerir um evento online com muitos participantes, decidiram centrar o

foco do processo de produção no Slam virtual, que foi desdobrado em três eventos entre outubro e novembro de 2020. Muita potência e criatividade envolvida no processo de criação dos artistas. A edição da final foi ao ar no dia 1 de novembro.”

- Vitor Felix



TAGS

30 a 40 anos Preta

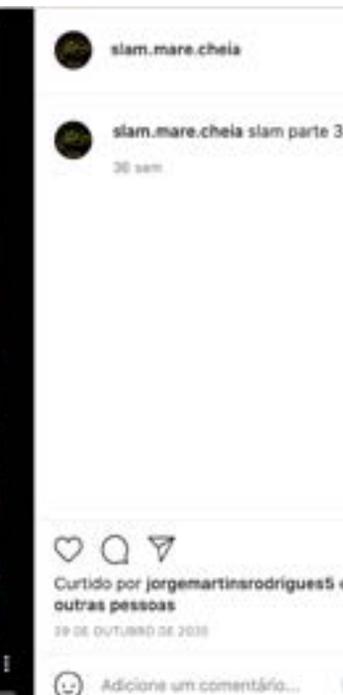
Mulher cis Coletivo

Vila dos Pinheiros

Literatura Slam Poesia

Batalha de poesia







Código dos Poetas

Sabrina Martina
Evangelista /
Mc Martina

Diretamente do Complexo do Alemão (RJ) e atualmente moradora do Complexo da Maré, a rapper, poeta e produtora MC Martina já vem deixando sua marca na cena cultural do país. Idealizadora do Slam Laje, a primeira batalha de poesia falada do Complexo do Alemão. Montou o “Poetas Favelados”, coletivo que reúne 15 artistas de áreas periféricas do estado.

Perfil: Individual

Proposta:

Projeto literário criado inicialmente num formato digital que tem como objetivo amplificar os impactos da literatura marginal através da tecnologia, levantando a reflexão sobre a importância de se reinventar em meio a esse momento de pandemia global.

Como:

Criação de 3 poesias autorais sobre sentimentos da autora em meio à pandemia na favela, o projeto realizou a gravação de 3 vídeos “O vírus que parou a Nação”, “Já pensou se combatessem o racismo igual combatem o coronavírus?” e “Se quem recita seus males espanta porque ainda morremos pela mão branca?” e se encerrou na realização de uma batalha de poetas disponível no IGTV [@mcmartina_](#).

Desejo:

Um dos intuitos principais é compartilhar informações e estratégias de como aumentar o alcance da sua arte nas redes sociais, narrar como estão as favelas e os artistas independentes durante esse momento, em forma de poesia.

DESDOBRAMENTOS

“ Eu não sou cria daqui, pegou a visão? Eu sou cria do Alemão. Quando eu fui pra Maré, eu fui por necessidade, não foi planejado. Mês que vem vai fazer um ano que eu estou morando aqui. Por conta da pandemia, eu, assim como vários artistas da favela, ficamos sem renda, eu perdi muito trabalho. Pedi ajuda pra escrever o projeto porque às vezes você tem uma idéia maneira, mas conseguir colocar no papel é outra coisa. Eu fiquei muito feliz porque às vezes as pessoas não tem noção de como as coisas mais simples são difíceis pra nós. Com o projeto eu tive oportunidade de gravar 3 letras minhas com uma produção de qualidade, com edição de vídeo, com uma câmera legal...todas as vezes que eu gravo, é sempre vídeo de telefone, plano sequência, às vezes a gente quer passar alguma intenção com a nossa poesia que com a edição de vídeo, poxa, dá outra intenção. Eu fiz um feat com a Karina do coletivo AMarévê, fiquei muito feliz com o alcance que o trabalho teve, várias pessoas entraram em contato comigo, e basicamente em 2020, enquanto

meu trabalho artístico como MC, esse foi um dos meus principais trabalhos. Nós fizemos malabarismo com o dinheiro, mas rendeu, chamei parceiros meus pra trabalhar, todo mundo recebeu pra trabalhar, distribuimos renda pra vários poetas e eu consegui comprar dois equipamentos com a chamada, um ring light e um chroma key pra seguir com meu trabalho. É tudo nós. ”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“ O produto desse projeto foi uma série digital de três vídeos com texto da própria Martina, gravados pelas ruas da Maré e divulgados nas redes sociais da poeta. O processo de mentoria teve alguns desafios para pensar a elaboração dos vídeos, mas ela já tinha um plano bastante estruturado e concentrou a maior parte do tempo em produzir suas ideias. O projeto é uma série dentro do trabalho de poesia, slam e rima que a MC desenvolve nas suas produções. ”

- **Vitor Felix**



TAGS

18 a 24 anos Preta

Mulher cis Parque União

Individual Literatura

Slam Poesia

Tecnologia da palavra

Literatura feminina

Batalha de poesia

CÓD

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

▶ 011 / 138



▶ 020 / 103

1G DOS POETAS





Particularidade

Kamyla Galdeano Pereira

Kamyla Galdeano tem 24 anos, é moradora e cria da Nova Holanda, Maré. Trabalha como atriz no grupo “Atiro” por 6 anos, integrou o grupo “Marear” do Teatro do Oprimido e também participou como atriz no curta metragem “br3” dirigido por Bruno Ribeiro, em 2017. Fez parte da equipe do projeto “Favela mona” e também trabalha como trancista.

Perfil: Individual

Proposta:

Gravação de EP composto por cinco músicas que estão sendo produzidas

pelo [@prodjok3r](#) com referências de Hiphop, R&B, Trap e Jazz.

Como:

Gravação das canções autorais em estúdio e lançamento em uma live no IG [@kamylagaldeano](#) para divulgação dos vídeos no Youtube [@KAMY](#).

Desejo:

O projeto nasce de um processo de composição que começou em 2017, quando a artista compartilha seu olhar e suas vivências como mulher negra e favelada. Ao longo dos vídeos serão compartilhados recortes que foram gravados por outras mulheres negras em quarentena.

DESDOBRAMENTOS

“Meu projeto foi inspirado no meu último espetáculo, “Corpo Minado”, que foi muito interessante, as narrativas do espetáculo serviram para o “Particularidades”. Quando escrevi, eu já tinha pensado em tudo, é um projeto que já estava na gaveta. Eu já tava querendo há muito tempo e aí eu adaptei pra chamada. O que rolava era o ‘rolé do aqué’ mesmo porque não é barato produzir música. Foi possível

flexibilizar, de início eu ia fazer em casa postando no Youtube, mas depois de fazer no estúdio achei melhor fazer lá pelos equipamentos, ficou bem mais profissional. Quis colocar narrativas de outras mulheres pretas e periféricas. Estruturar essa comunicação online foi difícil, tinha que ser tudo online e baixar vídeo é um rolê, teve gente que ia mandar, não mandou e tive que arrumar gente em cima da hora. Se é um projeto pra Maré, acho super importante elas entenderem que elas podem escrever projetos, tenho visto um monte de gente aqui virando artista, eu acho muito importante que essa galera não tenha essa retraída que dá, mas que o que importa é você colocar seu projeto ali, e conseguir explicar ele ali, explicar num vídeo, em poucas palavras, sem aquela burocracia toda.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Um processo de auto descoberta e composição musical onde a multiartista pôde compartilhar impressões e vivências. O processo de mentoria foi leve, prazeroso e muito prático, haja vista a artista demonstrar

muita objetividade em suas escolhas e no cuidado com a produção de seu primeiro trabalho musical, deixando o resultado final com uma singularidade notável. Trouxe-nos ainda as falas de outras mulheres negras em registros audiovisuais que foram incorporados em seu processo de produção musical. Além das gravações, o trabalho foi progressivamente documentado em lives nas redes sociais criando uma relação instigante entre a artista e seu público, até o ápice com o lançamento em formato digital.”

- **Fabricio Mota e Thomas Harres**



TAGS

18 a 24 anos Preta

Mulher cis Nova Holanda

Individual Música Negritude

Literatura feminina

Audiovisual Vozes femininas







A música lutando contra coronavírus

DJ Renan Valle /
Renan de Jesus dos
Santos

O Dj Renan Valle trabalha com produção musical e produção cultural na comunidade da Maré, e é um dos divulgadores da cultura dos bailes funk. Ao lado de outros artistas, tem lutado pela afirmação do 150 BPM, um dos gêneros musicais mais populares do Funk produzido na cidade.

Perfil: Individual

Proposta:

Realização de um curta documentário exibido no Instagram e Youtube [@Dj Renan Valle](#).

Como:

Realização de um curta documentário, em 04 episódios de até 3 minutos, mostrando o cotidiano de produtores culturais da cena da Maré durante a pandemia de COVID-19.

Desejo:

Mostrar como a produção cultural de favela causa impacto na movimentação financeira, na geração de espaço de lazer e valorização cultural, e desmistificar que os bailes são feitos para bandidos.

DESDOBRAMENTOS

“ Desde aquele tempo em que o exército entrou e ocupou a Maré (que a gente chama o “tempo dos periquitos”) foi o tempo que a Maré menos vendeu, menos teve lucro, e os moradores pensaram “nossa, o baile tá fazendo muita falta”. Apesar do tráfico, que está presente dentro

dessa região, o baile movimentava muitos trabalhadores da região, uma pessoa que vai fazer cabelo, unhas, outra que vai vender lanche e vários comerciantes daqui. A polícia vê um estúdio com caixa de som e pensa que é pra bandido, entraram e quebraram meu estúdio todo, quebraram mais de 10 anos de trabalho em meu HD externo, então com o projeto pude recuperar o trabalho com HDs novos, caixa, monitor...Falei de como a gente tava se virando na pandemia, tentando continuar produzindo. As pessoas não entendem, a gente não tem escolha, ou a gente fica em casa sem trabalhar e morre de fome, ou a gente sai pra trabalhar e pode morrer também. De qualquer jeito. Estamos abandonados aqui, e a sociedade só quer saber de atacar. Playboy lá na Barra pode fazer um evento, mas aqui a gente não pode. O processo de criação foi muito divertido, eu nunca tinha feito, tive uma equipe bem grande me ajudando”. Renan teve de remover esse trabalho do Instagram para evitar represálias ou desconfiança policial. Está disponível no Youtube

[@Dj Renan Valle.](#)”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O processo de criação do mini documentário do DJ Renan Vale foi instigante e desafiador. Fonte profunda de conhecimento musical e expressivo ativista comunitário, muito bem representado em sua expressão artística. O processo de orientação foi de muito aprendizado sobre a temática e de descoberta das possibilidades técnicas de produção audiovisual. O resultado foi a produção de episódios que proporcionaram debates que vão da história da música negra nas comunidades, passando pelos processos de criminalização do Funk e alcançando a intensa produção musical que persistiu no contexto da pandemia.”

- **Fabricio Mota e Thomas Harres**



TAGS

25 a 30 anos **Preta**

Homem cis **Nova Holanda**

Individual **Música**

Documentário **Baile Funk**

Produção musical



APRESENTAÇÃO DE TRABALHO
EPISODIO 1



EPISÓDIO 1 - Apresentação



1:22 / 2:21



DJ POLYVOX



BLACKOUT DOS EVENTOS IMPACTO
ECONÔMICO
EPISODIO 2



Baile do PU

Evento do Parque União

0:01 / 2:21



PRODUZINDO NA PANDEMIA
EPISODIO 4

EPISÓDIO 4 - Produzindo na Pandemia

de Trabalho



EPISÓDIO 3 - Criminalização do Funk

ênico.





A Maré convida Rodrigo Maré

Rodrigo Maré é músico percussionista, ator e arte - educador, e integra atualmente o grupo teatral "Cia Marginal". Nos últimos anos, atuou e executou a trilha sonora em uma série de espetáculos teatrais, se apresentou em teatros e festivais pelo mundo afora e como músico vem participando de shows de artistas, grupos e bandas como Gilberto Gil (Refavela40), Thiago França (Coisas Invisíveis), Ava Rocha (TRANÇA), Céu (Catch a Fire), entre outros.

Perfil: Individual

Proposta:

Encontros virtuais com um artista/ produtor/favelado/periférico de diversos Estados e cidades do Brasil no Instagram [@amarerodrigo](#).

Como:

Realizando os encontros semanalmente, os artistas convidados realizam uma "Colab" (colaboração/ parceria artística) onde Rodrigo Maré produz um vídeo documentando a produção musical realizada à distância.

Desejo:

Remunerar os artistas convidados para afirmar que live é um trabalho, trazer um bate papo sobre a importância de se manter ativo em tempos de isolamento social, visando sempre refletir sobre produções artísticas dentro de espaços periféricos.

DESDOBRAMENTOS

“Eu resolvi propor algo diferente do que eu vinha fazendo, porque essa coisa da readaptação é um ponto importante, e fomos pegos de surpresa tendo que entender outras coisas, até fazer uma live é algo que

demanda um certo conhecimento, tem que ter internet, uma iluminação, um lugar, um horário, e nesse primeiro momento foi difícil pra mim, como adaptar a minha prática que é muito presencial para o virtual. O edital me trouxe essa pesquisa, uma espécie de formação para nós que estamos fazendo essa transição de ferramentas de trabalho, que é difícil pra caramba. Foram 10 encontros, todos pautados na realidade da pandemia, reflexões, reorganizações, gente de outras favelas, de outras periferias, pessoas que não moram na periferia mas sentem de outra maneira, pessoas do interior do Nordeste... Criamos "ativações das conversas", o convidado gravava um vídeo na casa dele e eu na minha, um vídeo de um minuto para divulgação, uma espécie de chamada sonora, isso foi um desdobramento bem interessante desses encontros. Todo mundo estava fazendo live, então eu tentei pensar num projeto que tivesse o máximo de diversidade, convidados bastante plurais, em níveis diferentes de carreira, extrapolar a cidade do Rio de Janeiro, e as pessoas conhecendo a Maré por quem é da Maré. Foi muito importante falar na primeira pessoa

sobre o que a gente está fazendo aqui, tratar sobre racismo no meio da música, e como isso se desdobra pra esses artistas na cidade.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Parceria e reciprocidade! São palavras que sintetizam bem a relação de troca de aprendizado com o artista. Houve engajamento, dedicação e capacidade excepcional de escuta e recepção das sugestões, ao buscar diálogo através de encontros virtuais com agentes de todo Brasil. Indo além, o projeto A MARÉ CONVIDA propôs trocas musicais criativas com todos os convidados, e foram produzidos vídeos documentando a produção musical realizada à distância, tendo como resultado faixas musicais inéditas. A recepção de todo o conteúdo foi muito positiva.”

- **Fabricio Mota e
Thomas Harres**



TAGS

30 a 40 anos Preta

Homem cis Parque União

Individual Música

Produção musical

Colaboração artística

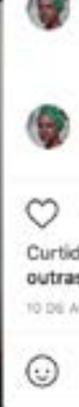
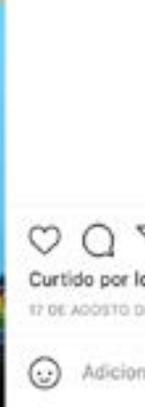
Periferias



AMARE
comédia

 10/08 18h no Instagram	 SILVANY SIVUCA 17/08 18h no Instagram	 INCUSUBU 24/08 21h no Instagram	 A FREITAS 31/08 18h no Instagram	 BARBOSA É D DINIZ 1 18h no Instagram
--	---	---	--	---

@amarendriago



BOARES
gressao



4/09
18h no Instagram

ORE GARNIZE
ani72



21/09
18h no Instagram

GIRALDO
...perrusa



28/09
18h no Instagram

PE REIS
a79_af



05/10
18h no Instagram

DA TELLES
ndeteiles



19/10
18h no Instagram

ORNELLAS
telles.danu



12/10
18h no Instagram



Coronavírus na Maré e cadê o poder público?

Jonatan Peixoto

Morador da favela Nova Holanda, Jonatan é estudante de Ciências sociais da UERJ, Mediador (Prefeitura do Rio de Janeiro), defensor dos direitos humanos, dedica seu tempo livre ao trabalho voluntário na sua comunidade, organizando feiras de saúde, colônias de férias e mutirões, arrecadação de alimentos.

Perfil: Individual

Proposta:

Uma série de podcasts de entrevistas com amigos, lideranças, professores e vizinhos sobre a Pandemia do novo coronavírus.

Como:

Lançamento dos podcasts no Spotify com diferentes eixos temáticos, dividido em 5 temporadas, 2 episódios de cada tema. Foram abordados assuntos como formas de prevenção ao coronavírus, gravidez, pré-vestibular e educação na pandemia.

Desejo:

Uma abordagem sobre a Pandemia do novo coronavírus em nosso território e a questão atual da falta do poder público neste território.

DESDOBRAMENTOS

“Estudante de Ciências sociais, eu queria elaborar um trabalho a respeito do que acontece na Academia e trazer para a atuação com meus vizinhos. Muitas pessoas me perguntam o que é meu curso, e eu tenho que explicar o que se trabalha nas Ciências Sociais, as pessoas da

base não estão acostumadas a ouvir de Sociologia, Antropologia e Ciência Política e o papel do cientista social. O podcast foi curto, foi totalmente feito por mim, mas a mentoria foi perfeita, tive uma úlcera e tive que ser internado e mesmo no hospital me apoiaram. Foi meu primeiro edital, então no começo estava inseguro mas depois não tive mais problemas. Tentei levar de volta para a Academia como nós moradores das favelas estávamos largados e o papel das ONGs que estão no território e são quem prestam alguma assistência aos moradores.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Onde está o poder público? Com esse questionamento Jonatan procura junto com seus vizinhos e familiares questionar e buscar soluções para os problemas relacionados à covid-19 no complexo de favelas da Maré, sempre procurando agentes públicos que possam dar essas respostas.”

– Eloi Leones



TAGS

18 a 24 anos Parda

Homem cis Nova Holanda

Individual Podcast

Políticas públicas

Entrevistas Vozes da favela

-  Início
-  Buscar
-  Sua Biblioteca
-  Criar playlist
-  Músicas Curtidas
-  Seus episódios

As mais tocadas no seu 2020

 Instalar aplicativo



Coronavírus na Maré e cadê

Todos os episódios



4° Podcast (Coronavírus na Maré e

Nesse episódio estarei conversando com ...
meios de prevenção contra o Coronavírus



out. de 2020 · 4min



3° Podcast (Coronavírus na Maré e

Nesse episódio é uma conversa com a m ...
educação e Pandemia.



out. de 2020 · 5min



2° Podcast (Coronavirus na Maré e

Nesse episódio estarei conversando com ...
pré-vestibular na Pandemia.



out. de 2020 · 5min restantes



2° Podcast (Coronavirus na Maré ...
Coronavirus na Maré e cadê o poder Público?



1x



0:01

Quê o poder Público?

Quê o poder público?)

... e a minha vizinha Totinha, sobre os
... e seu trabalho de produzir...

Quê o poder público?)

... e a minha irmã Ana Karolayne, sobre a

Quê o poder público?)

... e a Julia Chagas , sobre gravidez e



4:02

Sobre

Série de podcasts : Coronavírus na Maré e
cadê o poder público?

Uma abordagem de um estudante de
ciências sociais da UERJ, morador da Nova
Holanda, sobre a Covid-19 e a falta do
poder público em nosso território.

Produzindo uma série de entrevistas com
parentes, amigos e vizinhos sobre a
Pandemia do Novo Coronavírus, no nosso
território.





Sociedade das Poetisas Vivas diz NÃO ao coronavírus

Rayanne Felix

“Tenho 19 anos e sou cria do Complexo Da Maré. Filha de mãe preta, solo, que criou três filhas a custa de muito suor e esforço. Comecei o projeto Sociedade Das Poetisas Vivas a fim de compartilhar olhares e vivências, individuais e coletivas. No início, os textos serviam para passar mensagens solidárias a quem precisasse de colo, depois que obtive um ambiente seguro, compartilhei vivências, sentimentos.

Atualmente, curso segurança do trabalho em uma escola técnica, mas pretendo cursar produção cultural na faculdade, por amar produzir os mais diversos tipos de cultura e com o propósito de trazer lazer de todas as formas para minha favela.”

Perfil: Individual

Proposta:

Uma série de podcasts, textos e stories que retratam vivências cotidianas durante a pandemia. O projeto é idealizado por três jovens moradoras da Maré: Rayanne Felix, Stefany Silva e Julie Oliveira. As três possuem páginas no Instagram, que são: [@Sociedade Das Poetisas Vivas](#), [@Jeans Ancestral](#) e [@Pelos Olhos Dela](#), respectivamente.

Como:

Quatro episódios publicados no Spotify: Ep. 01: “Apresentação”, Ep. 02: “Coisas que irritam:”, Ep. 03: “Somos Ciclicxs” e Ep. 04: “Costurando vivências”.

Desejo:

Trazer relatos cotidianos da pandemia de forma descontraída, falar sobre amizade, protagonismo das mulheres negras, estratégias econômicas, memórias de infância.

DESDOBRAMENTOS

“Tenho um Instagram de poesia há dois anos que eu criei com o intuito de expor o que eu estava sentindo, pensando, e esse projeto veio depois de eu ter assistido “A Sociedade dos Poetas Mortos” e decidi colocar o nome do meu projeto “Sociedade das Poetisas Vivas”, pois eu achei que seria uma ótima forma de me conectar com outras mulheres, em especial mulheres pretas periféricas, que é sempre um recorte que eu gosto de fazer. Durante a pandemia, eu estava sem trabalhar nem ir à escola e ninguém estava empregado, então esse edital veio em uma hora muito boa, não só pra divulgar meu trabalho, mas a ajuda de custo que eu pude oferecer para a equipe. Falamos de vivências, não só da quarentena mas também em geral. O mentor ensinou muito e agora até consigo fazer sozinha.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O projeto busca afeto, proximidade e ancestralidade em meio a essa pandemia. “A Sociedade das Poetisas Vivas” celebra suas vidas e histórias de seus familiares, como aquele gostinho de café da tarde e aconchego de casa de mãe.”

- Eloi Leones



TAGS

18 a 24 anos Preta

Mulher cis Nova Holanda

Individual Podcast

Mulheres negras

Ancestralidade

Protagonismo feminino

- Início
- Buscar
- Sua Biblioteca
- Criar playlist
- Músicas Curtidas



PODCAST

Sociedade Das Poetisas Vivas NÃO Ao Coronavírus

Sociedade Das Poetisas Vivas

SEGUIR

Todos os episódios

Sobre



Episódio 4 - Costurando vivências

Quarto episódio da série "Sociedade Das Poetisas Vivas Diz Não Ao Coronavírus". Nesse episódio, Stefany Vital Da Silva, comida sua mãe...



nov. de 2020 - 4min

Série de podcasts intitulada Sociedade Das Poetisas Vivas Diz Não Ao Coronavírus". Nela, Stefany Vital Da Silva e Julie O'Connell apresentam, falam sobre amizade e cotidiano.



ENTRAR

s Diz

Ministério do Turismo, Itaú e Redes da Maré apresentam
Podcast Pelos Olhos Dela

SOMOS CÍCLICXS



Ministério do Turismo, Itaú e Redes da Maré apresentam

COISAS QUE IRRITAM



Diário
compatilhado
Stéfany Silva



RenegadUs

Saulo Pereira

O Coletivo Renegadus, desenvolvido de forma autônoma, tem como objetivo apontar para a desigualdade que ainda caracteriza o debate sobre favela e educação popular no país, principalmente no que diz respeito à entrada da população periférica nas universidades brasileiras, calcado num processo injusto e elitista. Com esta iniciativa, mais do que oferecer um debate crítico sobre educação popular e favela, o coletivo Renegadus se coloca como um veículo ativo para somar na capacitação de educandas(os), vindos de pré-vestibulares sociais, para acessarem

as universidades públicas, bem como formar cidadãos que participem do processo de transformação dessa realidade, no sentido da construção de uma sociedade mais humana, mais justa e mais igualitária.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Realização de um podcast sobre favela, política, educação e cultura.

Como:

Sempre dando o papo reto, trazemos um debate atual das últimas tretas do mundo político em um combate contínuo do estereótipo que colocaram sobre os(as) RenegadUs da sociedade. Podem até nos chamar de RenegadUs e tentar colocar a gente nos locais subalternos da sociedade, mas a gente peita e faz o enfrentamento e ocupa sim TODOS os espaços que nos negam na sociedade, começando pelas universidades!

Desejo:

Fomentar a Educação Popular, expor uma visão periférica e favelada dos atuais 'paranauês' da política brasileira.

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Um podcast rápido, simples e direto. É o objetivo do “Renegadus” ajudar a população favelada com as principais perguntas para os problemas cotidianos relacionados à busca de direitos.”

– Eloi Leones



TAGS

30 a 40 anos Preta

Homem cis Nova Holanda

Coletivo Podcast

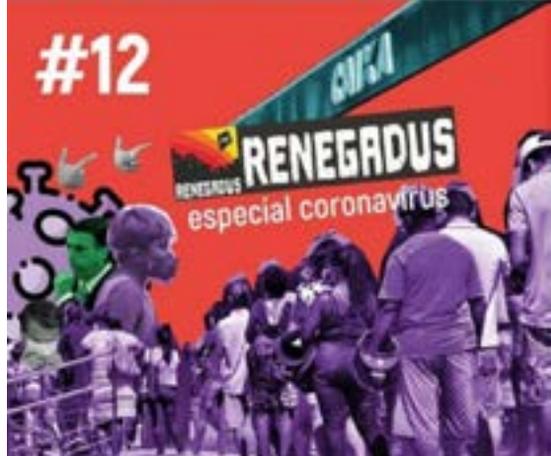
Educação popular

Vestibular ENEM

#11



#12



Início

Buscar

Sua Biblioteca

+ Criar playlist

Músicas Curtidas



Renegadus

Todos os episódios



EP #14 Renegadus - Especial C

Em mais um especial de mini podcas
#12, #13, #14) com dinâmicas e refle



set. de 2020 · 7min



EP #13 Renegadus - Especial C

Em mais um especial de mini podcas
dinâmicas e reflexões, recheado de i



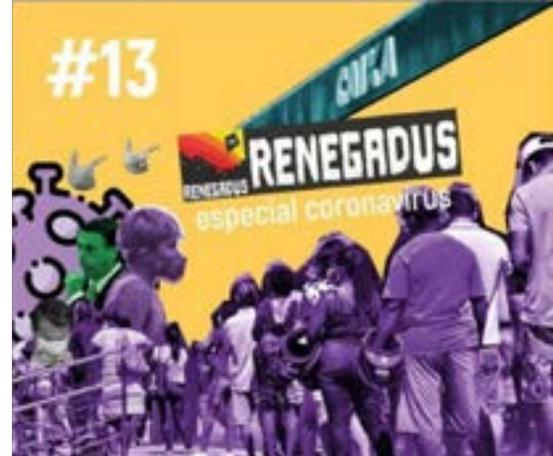
set. de 2020 · 8min



EP #12 Renegadus - Especial C

Em mais um especial de mini podcas

#13



#14


[INSCREVER-SE](#)
[ENTRAR](#)

COVID-19

t, uma sequência de episódios (#11, xões, recheado de informações...

COVID-19

t, uma sequência de episódios com informações importantes sobre a...

COVID-19

t, uma sequência de episódios com

Sobre

Renegadus, um podcast sobre favela, política e cultura. Quer ter uma visão periférica/favelada dos atuais paranauês da política brasileira? Então o podcast Renegadus é o espaço que você procura! Sempre dando o papo reto, trazemos um debate atual das últimas tretas do mundo político em um combate contínuo do estereótipo que colocaram sobre os(as) Renegadus da sociedade.

mostrar menos



14 de março

Geandra Nobre

Geandra Nobre, preta, favelada, cria da Maré. Mestre de bateria do “Bloco se Benze Que Dá”. Tem participado de uma diversidade de processos de mobilização comunitária nas favelas da Maré, muitas vezes junto ao coletivo Roça!, do qual foi co-fundadora em 2010. É atriz e fundadora da Cia Marginal, grupo de teatro da Maré que existe desde 2005. Em trabalhos audiovisuais, integrou o elenco de apoio do filme “Tropa de Elite II” (2014); atuou no curta metragem “Rosália Marginal” (2016), no filme “Das Nuvens Pra Baixo” (2015); Atuou e produziu o

filme “Relatos de Exílios” (2016). Protagonizou o curta metragem “A Mulher do Fim do Mundo” (2018). Atualmente integra o elenco do filme “Breves Miragens do Sol” (2019).

Perfil: Individual

Proposta:

Criar uma performance em vídeo e um diário no IG a partir da produção-atuação no filme “Das Nuvens Pra Baixo”, baseado no livro “Quarto de despejo” de Carolina Maria de Jesus.

Como:

Gravação de um curta metragem e divulgação no IG [@14_de_março](#).

Desejo:

Construir uma ponte espaço-temporal entre cotidianos de mulheres negras e faveladas, ontem e hoje, refletindo as vivências das “Carolinas da Maré” diante da atual crise pandêmica. O trabalho será realizado na mesma laje que serviu de locação do filme, 5 anos atrás no Morro do Timbau.

DESDOBRAMENTOS

“A partir do filme “Das Nuvens pra baixo” que eu produzi e atuei em 2015, fazer uma reflexão do que as ‘Carolinas da Maré’ disseram há 5 anos, e contextualizar com a pandemia hoje: continuidades, descontinuidades que as narrativas dessas Carolinas ditas no filme reverberam hoje em dia. Era um trabalho meu que estava adormecido, eu já tinha a ideia de desdobrar o filme como um espetáculo de teatro, um monólogo, e a Chamada possibilitou engatar o projeto e tirar do papel em outro contexto, trabalhar com os artistas da Maré. Nós temos uma Maré muito diversa de artistas e o quanto é importante dar oportunidade para eles. Fazer um trabalho mais individual fora do coletivo do qual já faço parte foi super importante como experiência. E mesmo a chamada acontecendo nessa situação crítica da pandemia na economia da Arte, poderia ser um edital para vida da Maré.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“No primeiro dia de encontro com Geandra Nobre junto com Jaqueline Andrade (diretora do curta), já pude perceber a grandiosidade que é esse projeto. Elas desenvolveram com muita maestria o processo de criação do curta. O dia da gravação foi um dia de muito amor, afeto, cerveja, choro e uma linda homenagem à Maré como a própria diretora disse. Ali podemos ver uma direção super sensível e generosa de Jaqueline e uma atuação muito grandiosa de Geandra. O curta dessas duas artistas ‘brabas’ deveria rodar os festivais de cinema desse Brasil.”

- Phellipe Azevedo



TAGS

30 a 40 anos Preta

Mulher cis Morro do Timbau

Individual Teatro

Performance Audiovisual

Mulheres da favela

Vozes femininas

14 DE MARÇO - Um filme de Jaqueline Andrade e Geandra Nobre

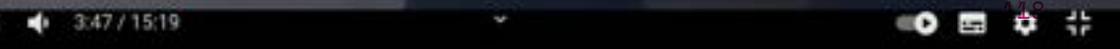
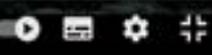
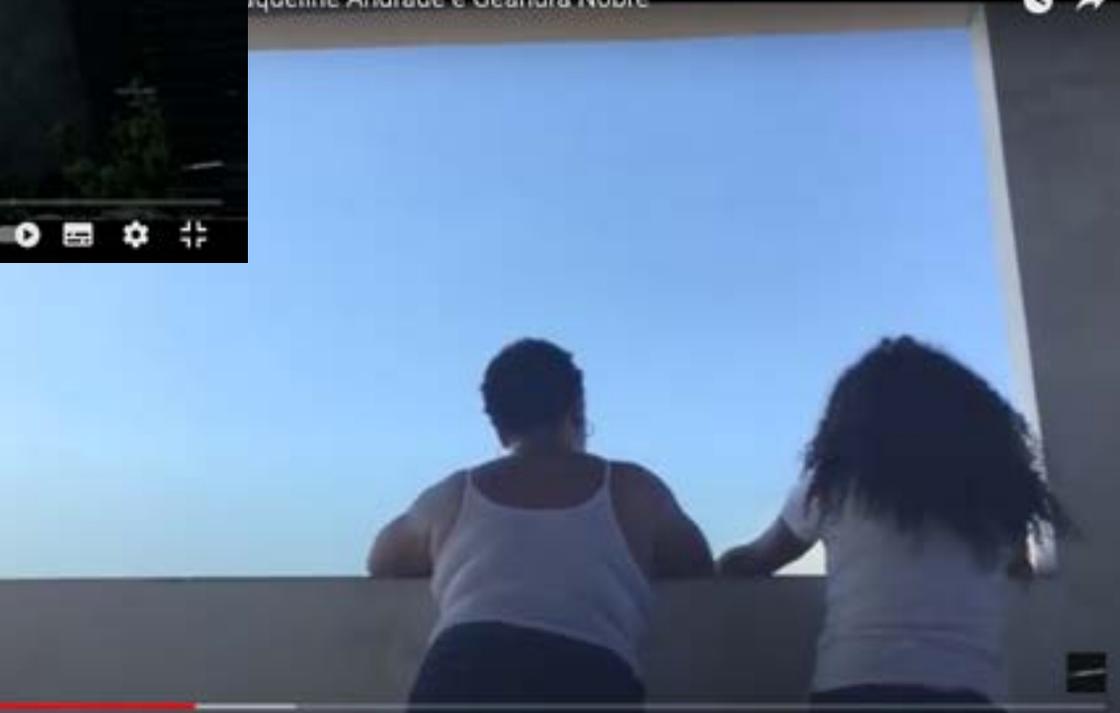




ira Nobre



queline Andrade e Geandra Nobre



3:47 / 15:19



As Margens do Isolamento

MaréMoTO / por
Marcelo Vitor

O MaréMoTO nasce como um dos grupos do Projeto de Teatro do Oprimido na Maré e vem atuando desde 2014 como um dos grupos populares vinculados ao Centro de Teatro do Oprimido. Nossa sede semanal é na Maré, junto às nossas grandes parcerias, uma delas o Museu da Maré, no qual fazemos nossos encontros para ensaios e reuniões.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Inspirado na peça, criar um curta-documentário para expor, através da criação de monólogos gravados em vídeo, a vivência de alunes que estão estudando ou tentando estudar para o Enem durante a pandemia.

Como:

Três pessoas do coletivo MaréMoTO - cada uma de suas casas - utilizando câmeras dos próprios celulares e suas capacidades de atuação e posterior edição de documentário disponível no Youtube [@Maré MoTO](#).

Desejo:

A intenção é evidenciar privilégios e mostrar o quão prejudicial é para a saúde mental das pessoas o fato de não ter condição de estudar em casa, durante o isolamento social.

DESDOBRAMENTOS

“Percebemos que a realidade de quem ia prestar o ENEM também era a nossa situação: as dificuldades em trabalhar, estudar, cuidar das coisas, a urgência do financeiro de quem

tem a arte como renda e precisa sempre pegar outros trabalhos para gerar renda – mesmo com poucas pessoas no projeto tivemos que interromper a execução por vários ‘corres’ e depois retomar com força. Para as pessoas que moram na favela, a morte é tão naturalizada que a pandemia é mais uma coisa que ‘mata’ a gente diariamente. E a gente faz tudo ao mesmo tempo, se expõe em ônibus lotado enquanto faz o projeto acontecer, tentando fazer a arte da melhor forma. Foi uma experiência sobre insistir no que a gente quer fazer, incentivar colegas no mesmo desafio, que ensinou muito pra mim, nós do teatro aprendendo a fazer numa outra linguagem. No início, pensamos que teria mais falas, mas no caminhar do processo a gente percebeu que a imagem já dizia muita coisa, então mostrar a realidade, o centro, como a cidade está durante a pandemia, como um trabalhador, um estudante comum está, foi bem mais pro simbólico do que da fala, deixando o projeto mais interessante durante o processo. Remunerar os artistas do processo foi muito importante, e detalhar os custos reais dos gastos de transporte, pessoas, inclusive eu que propus, sem

culpa por receber pra fazer nossa arte. O curta vai ser exibido num evento online no dia 16 de março (dia nacional do Teatro do Oprimido) pelas redes do Centro de Teatro do Oprimido.” Integrantes: Bárbara Assis, Nlaysia, Lígia Monteiro, Emanuelle Rosa.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O processo tinha como desejo investigar a saúde mental de jovens periféricos inscritos no ENEM. O curta discute as dificuldades do jovem periférico/ favelado com o processo do ENEM no meio de uma pandemia. Como conciliar trabalho, transporte público, estudos e uma pandemia ao mesmo tempo? Sabemos que o acesso à universidade pública ainda é um abismo muito grande para a população favelada e o curta traz essa reflexão de como o processo de isolamento social impossibilitou mais ainda que esses jovens ocupassem suas vagas por direito dentro das universidades.”

– Phellipe Azevedo

As Margens do Isolamento. Um curta do Coletivo M



TAGS

18 a 24 anos Preta

Homem cis Vila do João

Coletivo Teatro

Território Ancestralidade

Classe social Negritude

Juventude ENEM



As Marge

▶ ⏪ ⏩ 0:06 / 7:40

gens do Isolamento. Um curta do Coletivo MaréMo i u





ns do Isolamento. Um curta do Coletivo MaréMoTO





Quintal da C11

Vanussa Rodrigues

19 anos, atriz desde os 11, percussionista desde os 12, artista desde nascida, preta, favelada, filha de angolanos e angolana de coração, cria da Maré desde sempre. Como percussionista, participou do projeto “Percussão Na Maré”, coordenado por Abel Duêre junto com a “Maracatu Brasil” com apresentações e shows em locais públicos e privados. Atua no projeto “Entre Lugares Maré”, com participação nos espetáculos “Santa Maré” (2014); “Será” (2015); “Gente” (2016 - 2017); “Parte de Nós” (2018); “Quebra-Cabeça” (2019); “Ela não se

Lembra Mais” (2019 - 2020). Em 2019 participou como atriz e criadora do espetáculo “Hoje não saio daqui”, ganhador do edital Rumos do Itaú Cultural e considerado um dos 10 melhores espetáculos de 2019 segundo o Jornal O Globo.

Perfil: Individual

Proposta:

Através da realização de uma websérie, apresentar narrativas da comunidade angolana na Maré atravessadas pela pandemia. Debater o racismo e o contato com Angola através da contação de histórias, músicas e danças.

Como:

Narrativa em primeira pessoa, gravados com celular e exibido no Youtube [@Cia Marginal](#), divulgação nas redes sociais, traz artistas, ritmos e histórias angolanas na Maré.

Desejo:

Pretende-se não só dar visibilidade para essa população, como propor novas formas de olhar para a comunidade angolana durante o período pandêmico e de se relacionar com ela.

DESDOBRAMENTOS

“Veiculada em formato de playlist no Youtube, a websérie conta com 2 episódios com uma poética visual e textual bastante interessante sobre os refugiados que encontraram abrigo nas favelas do Rio de Janeiro. Com uma visão bastante crítica e descontraída, a narrativa em primeira pessoa tece o embranquecimento da racialização no Brasil, o racismo e xenofobia na utilização de filtros digitais que dialogam com uma visão da juventude sobre os novos espaços de lugares de fala. Soluções muito criativas de recursos de filmagem, captura de tela, inserção de imagens e usos de cenas teatralizadas dão o tom da narrativa irreverente em primeira pessoa.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O processo de criação foi algo muito desafiador. Como aproveitar as práticas teatrais para criação de uma websérie? Essa era a nossa pergunta que encaminhou todo o processo. Por conta das dificuldades de internet, o processo foi mais difícil. Porém, Vanu aborda temas super importantes da comunidade angolana dentro da Maré

com muito humor, seriedade, beleza e amor. A websérie “Quintal C11” é uma delícia, e você fica o tempo todo com vontade de assistir mais e mais episódios. #queromaisepisódios.”

- Phellipe Azevedo



TAGS

18 a 24 anos Preta

Mulher cis

Vila dos Pinheiros

Individual Teatro

Ancestralidade Negritude

Juventude Xenofobia

Angolanos no RJ Websérie

Ministério do Turismo, Itau e Redes da Mãe apresentam

08.12 às 19h

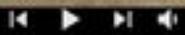
Live de lançamento da websérie

QUINTAL C11

com Vanu Rodrigues



☰ Quintal C11 episódio 1



⏪ ⏩ ⏮ ⏭ 3:16 / 4:22





☰ Quintal C11 episódio 1

2:00



⏪ ⏩ ⏴ ⏵ 1:00 / 4:22





Entregadores

Vinicius Ribeiro

Vinicius Ribeiro é fotógrafo e cineasta, membro do coletivo “Fotoguerrilha” e desde 2015 acompanha movimentos e manifestações sociais, trabalhando uma comunicação horizontal e popular.

Perfil: Individual

Proposta:

É um projeto de Vinicius Ribeiro que, em março de 2020, começa a retratar a luta dos entregadores de aplicativos através da fotografia, conversas e de acompanhar a rotina nos trabalhadores.

Como:

A partir de uma linguagem multimídia, com fotos e um texto crítico em 3 atos, a pesquisa acompanhou tanto a manifestação do “Breque dos Apps” como a rotina dos trabalhadores publicados no IG [@fotoguerrilha](#).

Desejo:

A pandemia do novo coronavírus colocou os entregadores e os serviços de delivery no centro da pauta trabalhista. Nesse contexto, de exploração da mão de obra de jovens, negros, periféricos, de uberização do trabalho e de descompromisso das grandes empresas com o bem viver dos colaboradores, surge a necessidade de pautar a questão dos entregadores terceirizados, principalmente a partir da questão trabalhista, da exploração física, monetária e psicológica com recorte nos ciclistas.

DESDOBRAMENTOS

“ Eu fiz entrega com bike por um tempo durante 2019 e parte de 2020, é um trabalho muito ruim de remuneração, bem baixa. Quando eu tive a proposta de fazer algo

sobre a pandemia eu pensei em fazer sobre os entregadores de aplicativos porque é uma situação de precarização bastante atual, e que na pandemia ficou evidente. Quem faz entrega de moto ganha um pouco melhor, apesar de não ter nenhuma garantia. Para os entregadores de bike a remuneração é mais baixa ainda, você não alcança nem um salário mínimo mesmo se você trabalhar muito mesmo. Tive que fazer outras coisas no meio então, quando eu vi já estava na hora de entregar o projeto e o texto... A parte mais difícil foi o texto, a Gisele Motta me ajudou. Com filme e foto eu tenho mais ideia de narrativa, então ela me ajudou a organizar a pesquisa que eu já tinha e escrever o texto. Até na confiança mesmo, eu não tenho nenhuma experiência em escrever edital, ela me perguntou se tinha algum projeto relacionado à pandemia para um edital da Getty Images, não passou, e aí ela me avisou deste edital da Redes. Eu quis fazer a narrativa em preto e branco desde a primeira vez que eu fui à campo pra foto, porque eu queria mostrar um pouco o sofrimento de trabalhar pra caramba, trabalhar

6 horas por dia, pedalar 40 km e ganhar 50 reais. Isso se você tiver bike própria, se não tem que alugar a bike do Itaú ou a passagem de ônibus, alimentação, fazer comida ou comer um salgado na rua, dentro de um esforço físico bem grande. Cheguei a conversar com 3 pessoas, cogitei fotografar mais pessoas, mas a mentoria me ajudou a pensar que focar em uma pessoa só facilitava a narrativa.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“Um projeto com qualidade estética e importância sobre a representatividade da busca por direitos e valorização da categoria. A vivência do Vinícius no serviço de entrega, que se tornou tão essencial nesse momento de pandemia, tornou a produção da série de fotografias muito potente!”

- **Jéssica Pires**



TAGS

25 a 30 anos Preta
Homem cis Individual
Baixa do Sapateiro
Foto/texto Juventude
Entregadores de apps
precarização do trabalho
Breque dos apps







Entidade

Wallace Lino

Pesquisador, ator, diretor, dramaturgo e educador. Integrante da “Cia Marginal” desde (2005), participando do elenco de diversos espetáculos, entre eles “Eles não usam tênis naique” (Indicado ao Prêmio Questão de Crítica 2015, circulou por mais de 40 cidades em 15 estados brasileiros entre 2018 e 2019) e “Hoje não saio daqui” (apontado como um dos dez melhores espetáculos de 2019 pelo jornal O Globo e indicado ao Prêmio Faz Diferença 2019), além de diversos outros projetos de pesquisa territorial em favela, negritude, cultura e promoção de saúde.

Perfil: Individual

Proposta:

Um projeto de escrita territorial com o foco nas narrativas LGBTQIA+ da Maré e revisitação da celebração das histórias e arquivos locais de 10 anos da Parada no território.

Como:

Criação de website que traz histórias da comunidade LGBTQIA+ de moradores durante o período da pandemia na geração de um acervo que será exposto online e em narrativa via whatsapp. Divulgação via redes sociais IG [@entidademare](#) e Facebook [@entidademare](#).

Desejo:

A criação de um canal de comunicação virtual com histórias e imagens de LGBTQIA+ no processo de formação e vivência na Maré. Além da atuação LGBTQIA+ no combate ao covid-19 no território.

DESDOBRAMENTOS

“Começamos a pensar como um espetáculo que trouxesse os antigos shows das “Noites das Estrelas”, das

“Panteras”, que rolavam na Maré, mais especificamente no Parque União e na Nova Holanda. A partir da situação do isolamento, ao invés de criar um espetáculo para homenagear, decidimos criar um canal para trazer a história das narrativas LGBTQIA+. Convidamos amigos, pessoas que são referências, que já trabalhavam com os temas em torno da presença ou da própria relação tecnológica, unimos alguns professores que já estavam envolvidos com a temática e aí, depois desse período fomos a campo criar a pesquisa. Alguns personagens já tínhamos definido nesse início junto com a mentoria e percebemos que ao invés de criar uma comunicação que a gente filtrasse, que nós criássemos um sistema em que as pessoas pudessem acessar as histórias ou as imagens de arquivo que a gente estava pesquisando, por elas mesmas. Criamos um ‘experimento narrativo’ via WhatsApp em torno dos 10 anos da Parada, que foi celebrada em 2019, sobre como estes eventos são diálogos interseccionados com os antigos shows mas também uma própria projeção de futuro, resistência, de narrativas LGBTQIA+ na Maré. O público entra no site, ou em

contato com o número do WhatsApp e começa a fazer o experimento. Já criamos o canal dentro de uma perspectiva de que nós também, artistas e pessoas estaríamos ali sendo contemplados, então elaboramos uma série de situações onde essa narrativa não fosse individual, mas que fosse estruturada de forma coletiva. Demos sequência ao projeto e agora fomos contemplados pela Lei Aldir Blanc no Município para fazer os shows-performances. Esse já é um desdobramento da própria Chamada.”

COMENTÁRIO DA MENTORIA

“O projeto Entidade tem o grande desafio de resgatar, preservando a memória, as histórias e narrativas de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais (LGBTQIA+) das 16 favelas da Maré com todo cuidado e sensibilidade. As plataformas digitais exploradas pela equipe de profissionais de arte, educação, pesquisa, audiovisual e comunicação que desenvolve o projeto trouxe uma versão experimental digital através de plataformas web que pretende levar o espectador ao

resgate da liberdade e orgulho gay na maré, que atravessa os tempos até a época atual de pandemia.”

- Douglas Lopes



TAGS

30 a 40 anos Preta

Homem cis Nova Holanda

Individual Foto/texto

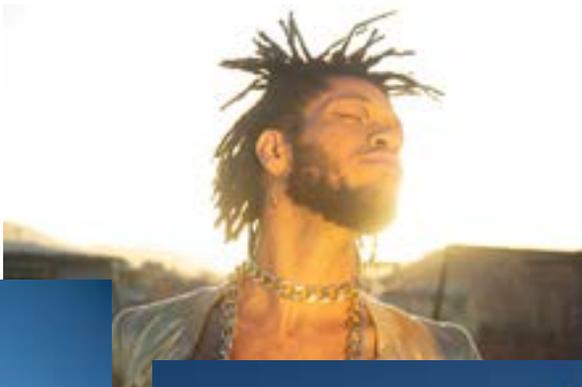
Narrativas multimídia

Website Whatsapp LGBTQIA+

Interseccionalidades

Arquivo Paradas LGBTQIA+







Corona Favelado

Raphael Santos da Cruz

Criado em uma família grande de sambistas e quilombolas urbana/periférica, seu espaço como artista se deu ao encanto de se movimentar, sozinho e em grupo. Com trabalhos de pintura à videoarte, de forma autodidata e impulsionado pelo trabalho de quem veio antes. Integra coletivos de mobilização no seu território e o coletivo “Rato preto” junto com Leonardo Rack, que divide seu ateliê/casa na Baixa do Sapateiro.

Perfil: Individual

Proposta:

Realizar a segunda temporada de uma série de vídeos em formato de depoimentos, relatos e experimentações por celular com 5 artistas da maré para o IGTV com a temática: Vida de um artista da porta pra dentro da favela, e perspectivas do futuro em tempos de pandemia. Além de potencializar o projeto no modelo tradicional e reativar a página que se encontra impossibilitada por falta de celular e atraso na conta de internet.

Como:

Corona Favelado é uma espécie de Guia prático e bem humorado sobre redução de danos durante a pandemia, tendo o favelado como o principal público alvo e o Instagram como plataforma principal de veiculação. O projeto surge acreditando na subversão como forma de resistir e apostando em códigos locais do território, para melhor recepção e melhor propagação das informações importantes e oficiais em formato descontraído e rápido.

Desejo:

“Minha motivação é o resgate cultural como forma de continuidade da ancestralidade no seu território. É mais um elo forte para uma grande corrente de resistência cultural.”

DESDOBRAMENTOS

O projeto não foi finalizado por problemas técnicos e de cronograma



TAGS

25 a 30 anos Preta

Homem Cis

Baixa do Sapateiro

Individual Audiovisual



Mentes da Maré Garotas da Maré / por Simone Lauar

O Garotas da Maré foi uma ideia de duas mulheres mareenses que gostariam de expor o seu olhar crítico e popular para notícias complexas cotidianas. Falamos sobre política, música, personalidades importantes da história, militância e todos esses assuntos que vemos diariamente. Mas, com uma diferença: nós implantamos história na notícia. Queremos de fato que as pessoas entendam o que elas estão lendo, afinal, toda notícia tem uma história por detrás.

Perfil: Coletivo

Proposta:

Oferecer apoio e orientação psicológica para os moradores da Maré de forma gratuita e através da criação de conteúdo sobre saúde mental.

Como:

Produzir pílulas audiovisuais para as páginas do IG [@garotasmare](#) e Twitter [@garotasdamare](#), com relatos, panfletos explicando cada doença, assinados pelos nossos psicólogos voluntários e na articulação de um grupo de suporte à saúde mental no WhatsApp.

Desejo:

“O intuito é dar assistência gratuita para pessoas que não podem pagar um tratamento psicológico. Queremos acabar com a elitização da psicologia que só é concedida para as pessoas que podem pagar. Queremos restaurar a saúde mental na favela da Maré, trocar histórias e informações.”

DESDOBRAMENTOS

O projeto não foi finalizado por problemas técnicos e de cronograma



TAGS

30 a 40 anos Preta

Mulher cis Salsa e Merengue

Coletivo Audiovisual

Saúde mental

Assistência social

Articulação comunitária



**COMENTÁRIOS
FINAIS DOS
PARTICIPANTES**

Foi bem simples, democrático, desde a inscrição até a prestação de contas, precisamos ser generosos, acho que não faria sentido nenhum fazer um edital que fosse rigoroso e não entendesse as questões do território. Sempre esse perrengue de internet, mesmo com a estrutura que o edital forneceu, a gente vai fazendo as gambiarras pra vencer os desafios e muito porque a gente sabe e acredita no que a gente está fazendo, além do compromisso com a chamada. Achei ótima a ideia da mentoria, pra gente foi incrível, a gente conseguiu se conectar, pensar juntas.

- Karina e Jéssica

Nós temos uma Maré muito diversa de artistas e é muito importante dar oportunidade a eles, e fazer um trabalho mais individual fora do coletivo do qual já faço parte foi super importante. E mesmo a chamada acontecendo nessa situação crítica da pandemia na economia da arte, poderia ser um edital para vida da Maré.

- Geandra

Por que eu estou querendo saber tanto desses bairros do RJ sem saber nada do bairro onde eu moro que é a Maré? A partir disso fui buscar saber mais através de documentos que vieram da própria Redes. Quando eu vi a oportunidade de participar da Chamada, eu falei: por que não juntar um conteúdo que é histórico, que tem a ver com o desenvolvimento das favelas aqui da Maré e como isso reflete hoje no fato da gente ter que enfrentar tantos percalços durante esse processo de pandemia? Criei a Maré e o Corona, uma série de 3 episódios em meu Instagram.

- Matheus Matta de Moura

As conversas informais que eu tive com a equipe da Redes da Maré, direta e indiretamente, me tranquilizaram muito. Eu tinha a ideia na mente mas eu não acreditava que ela era potente, mas fui ver como podia ser. Meu projeto é o "Código dos Poetas", que pensa em trabalhar a poesia como tecnologia da palavra, e aí eu pego vários temas específicos e tento abordar os temas nas minhas poesias. [...] Com o projeto eu tive oportunidade de gravar 3 letras minhas com uma produção cuidada e de qualidade, com edição de vídeo, com uma câmera legal.

- MC Martina

Os mentores foram super presentes, muito solícitos, fizemos um grupo de WhatsApp, ficaram preocupados porque parecia que eu estava propondo muita coisa pra grana, eu escrevi uma coisa enorme e depois eu vi que tinha que diminuir, ficou apertado mas tinha o vídeo pra gente falar. Sempre que eu penso em edital me dá medo porque eu já penso naquela penca de coisas, geralmente são 4 cabeças escrevendo e aí eu fui ler e achei super acessível. Se é um projeto para a Maré, acho super importante as pessoas entenderem que elas podem inscrever projetos.

- Kamyla Galdeano

Foram 3 meses de muito aprendizado e desenvolvimento, uma espécie de formação para nós que estamos fazendo essa transição de ferramentas de trabalho do que é presencial para o virtual, que é difícil pra caramba.

- Rodrigo Maré

Foi uma chamada muito acessível, também tive dificuldade em condensar o pensamento do projeto, mas foi um exercício importante de escrita e senti que tive suporte em todo momento por vários meios, ter os documentos explicativos por ex. de logos e patrocinadores, prestação de contas. Foi muito importante porque era uma coisa que eu não sabia fazer, ajudou demais, foi um aprendizado graças a essa chamada, isso é uma inserção para nós artistas nesses processos de editais. A mentoria compreendeu o tempo todo o momento que eu estava vivendo, eu estava indo

parir e o Pandro estava me mandando mensagem me tranquilizando, e isso foi muito importante no pós parto, durante o puerpério, durante orientações, mensagens, a confiança.

- Arcasi

Os mentores ajudaram adaptando o roteiro, dando sugestões, ajudas técnicas e de fotografia e iluminação por chamada de vídeo...dá até pra notar uma evolução do primeiro vídeo para o último, graças a esse apoio. Foi um projeto que me ajudou na minha carreira, num momento muito difícil, e a partir daí estou produzindo outras idéias, outros formatos de trabalho, continuo usando as dicas

da mentoria e aplicado em outros trabalhos, e só tem melhorado a qualidade da minha produção. As artes gráficas da Ju Barbosa levaram a identidade do projeto para um outro patamar, a gente divulgava a arte no começo da semana e o episódio era lançado às sextas-feiras e a galera já ficava doida, compartilhando. A série toda foi vista por mais de 3 mil pessoas.

- Lucas Buda

CHAMADA PÚBLICA:

NOVAS FORMAS DE
FAZER ARTE, CULTURA
E COMUNICAÇÃO NAS
FAVELAS

FICHA TÉCNICA

Coordenação do projeto

Geisa Lino e Pâmela Carvalho

Direção de produção e projeto editorial

Geisa Lino

Produção

Bia Policicchio

Gestor Financeiro

Carlos André

Designers

Bruna Montuori e Juh Barbosa

Projeto Gráfico do catálogo

Bruna Montuori

Produção textual do catálogo

Andressa Viana



INSCRIÇÕES POR

> Faixa etária

18-24 anos

33% • 30 propostas

25-30 anos

31,8% • 29 propostas

30-40 anos

29,7% • 27 propostas

40+ anos

5,5% • 05 propostas

> Declaração de Cor/Raça

Preta | 54,9%

50 propostas

Parda | 30,8%

28 propostas

Branca | 9,9%

9 propostas

Indígena | 1,1%

1 propostas

Afro-Indígena | 2,2%

2 propostas

Mestiça | 1,1%

1 propostas

Amarela | 0%

> Declaração de Gênero

Homem CIS | 59%

54 propostas

Mulher CIS | 29,7%

27 propostas

Prefiro não dizer | 7,7%

7 propostas

Não-binária | 2,2%

2 propostas

Mulher Trans | 1,1%

1 proposta

Homem/Pessoa Trans | 0

> Características

Individual | 44%

40 propostas

Coletivo | 56%

51 propostas

> Categorias de projetos

Audiovisual | 35,2%

32 propostas

Produção e distribuição |

12,1% - 11 propostas

Literatura | 11%

10 propostas

Música | 9,9%

9 propostas

Teatro | 7,7%

7 propostas

Artes Plásticas | 6,6%

6 propostas

Foto/texto | 6,6%

6 propostas

Dança | 5,5%

5 propostas

Podcast | 5,5%

5 propostas

> Bolsa de incentivo

R\$3.000 | 18,7%

17 propostas

R\$5.000 | 62,6%

57 propostas

R\$10.000 | 18,7%

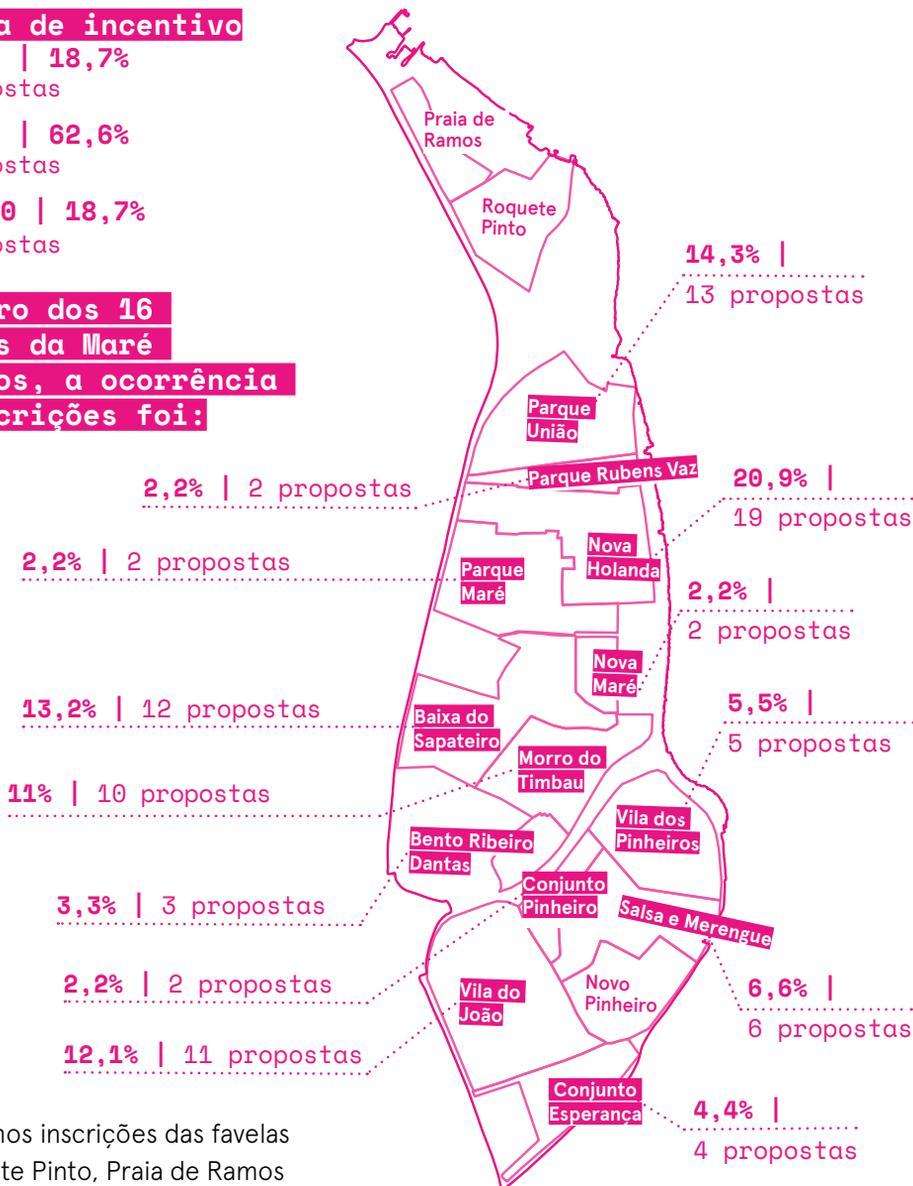
17 propostas

> Dentro dos 16

bairros da Maré

listados, a ocorrência

de inscrições foi:



Não tivemos inscrições das favelas de Roquete Pinto, Praia de Ramos e Marcílio Dias.